

# O Carisma das Equipas

- CADERNO DE TEMAS 2017 -  
PADRE CAFFAREL





Padre Henri Caffarel

Fundador das Equipas de Nossa Senhora

30.06.1903

18.09.1996

# ÍNDICE

Apresentação **4**

JANEIRO: As ejNS como caminho para a santidade **5**

FEVEREIRO: Receber Vida Nova **11**

MARÇO: Uma relação pessoal com Deus **19**

ABRIL: Maria, Mãe da Igreja **25**

MAIO: A mensagem de Fátima **31**

JUNHO: A alegria é o fruto da cruz **39**

JULHO: A vida em equipa em Balanço **47**

SETEMBRO: Santificar o quotidiano **51**

OUTUBRO: A Vocação **57**

NOVEMBRO: Família, a Igre doméstica **63**

DEZEMBRO: Missão **69**

Agradecimentos **77**

# APRESENTAÇÃO

Queridos equipistas,

Que bom ano que passámos! Celebrámos (e de que maneira) os 40 anos das equipas. Foi muito bom termos tido a oportunidade de celebrar esta data, tão importante para nós. Foi muito bom sobretudo porque nos deu a oportunidade de perceber o importante que as ejNS foram para as pessoas que por elas passaram. Foram impressionantes os testemunhos que nos foram chegando ao longo do ano, e foi impressionante ver como houve e há tantas e tantas pessoas que gostaram e gostam tanto das equipas. Que graça tão grande!

Seguindo estes testemunhos e estes exemplos, este ano decidimos que era tempo de pararmos para pensar a fundo naquilo que as ejNS são, e no que nos podem oferecer. Exactamente por isso, o tema do ano centra-se de maneira clara no carisma das equipas.

E esse carisma, oferecido por Deus às ejNS como dom, não é mais do que o resultado de tudo aquilo que cada equipista semeou (e ainda hoje em dia semeia) na sua equipa e na maneira como se entrega ao movimento.

Este nosso movimento não é melhor nem pior que os outros movimentos, nem nos cabe a nós fazer esse julgamento. Este caderno não é focado nas ejNS para que as celebremos como único movimento válido mas, pelo contrário, para que conheçamos aquilo que as define, aprendamos com as palavras do Padre Caffarel e saibamos o que é que significa viver em equipa. Este é um ano em que queremos aprender que, nas ejNS, somos todos responsáveis uns pelos outros. Queremos aprender, como nos diz o Padre Valter, que tudo o que fazemos nas ejNS tem um só objetivo – a santidade, e que as ejNS só servem como caminho para este nosso objectivo maior. Sem cair em exageros - claro que as equipas não devem ser vividas como centro das nossas vidas, mas como um complemento. Mas devem ser muito bem aproveitadas!

Os 11 temas deste caderno acompanharão todos os equipistas neste reconhecimento das equipas como caminho, mas mais do que isso, tentam dar-nos as ferramentas para que, em equipa, possamos aprofundar os temas que aqui são propostos, e que não se referem, nem aplicam, só à vida equipista. Acreditamos verdadeiramente que as nossas equipas nos fazem crescer na Fé, e nos fazem aproximar de Jesus, porque o que nelas aprendemos se transporta para as nossas vidas de todos os dias.

Desejamos, mais do que qualquer outra coisa, que todos sejamos capazes de aproveitar o caderno ao máximo para que, com Maria, nos possamos aproximar de Jesus.

Com amizade, do vosso,

**SECRETARIADO NACIONAL 2015/2017**



JANEIRO

# AS EJNS COMO CAMINHO PARA A SANTIDADE

# AS EJNS COMO CAMINHO PARA A SANTIDADE

## Padre Caffarel, o fundador

A história das Equipas de Jovens de Nossa Senhora começa, como sempre começam as histórias de Deus connosco, com um **chamamento**. Henri Caffarel nasce de uma família católica em Lyon a 30 de Julho de 1903. Depois de sentir e aprofundar a vocação sacerdotal, é ordenado em 1930 e começa desde logo a sua missão, especialmente focado na formação espiritual dos cristãos. Desenvolve uma acção muito intensa com os jovens, nas escolas e nas famílias. Acompanha-os com muita dedicação e amizade de tal maneira que, quando estes começam a casar, percebe que é muito necessária uma ajuda e acompanhamento a estas jovens famílias, nos muitos desafios pessoais, profissionais, sociais e espirituais que esta vocação exige. É assim que, em Fevereiro de 1939, se reúne com um grupo de quatro casais, a quem diz: “*Procuremos juntos o caminho de santidade para os casais*”. Assim nasce a espiritualidade conjugal fundada no sacramento do matrimónio. Isto que, se calhar, para nós, hoje em dia é considerado comum, talvez não o fosse tanto na altura. Tratar com **seriedade e profundidade a vocação matrimonial**, com os seus tantos desafios e riquezas, foi uma intuição muito importante que o Padre Caffarel seguiu.

Depois de alguns anos com esta caminhada com os casais, em 1947, dá aos grupos de casais uma **Carta** que faz deles um movimento estruturado, as Equipas de Nossa Senhora (ENS). Aos poucos, o movimento ia estruturando-se e ganhando corpo. Sempre seguindo o mesmo desejo: levar os leigos e, em primeiro lugar, os casais das Equipas de Nossa Senhora, a uma **autêntica vida espiritual**, incitando-os à oração quotidiana. Como veremos mais à frente, esta é das grandes linhas de pensamento do fundador: procurar e unir-se a Cristo, através de uma profunda e intensa vida espiritual, não apenas pessoal mas também vivida em casal.

A vida do movimento das ENS é ritmada pelos grandes encontros internacionais (EI). O Padre Caffarel tem a enorme alegria de, na peregrinação a Roma em 1970, **ver reconhecidas pela Igreja as suas intuições sobre a santidade do casal cristão**: trata-se do importante discurso de Paulo VI às Equipas de Nossa Senhora, a 5 de Maio desse ano.

Ao completar 70 anos em 1973, o Pe. Caffarel começa a entregar a outros mais jovens a responsabilidade das Equipas de Nossa Senhora e consagra-se inteiramente à paixão da sua vida: iniciar os cristãos à oração interior para os levar ao encontro pessoal com Cristo. Morre em Beauvais a 18 de Setembro de 1996.

## As ejNS nascem das Equipas de Nossa Senhora

O projecto das ejNS nasce em 1976, durante o Encontro Internacional das ENS, em Roma, por iniciativa de Christine d'Amonville, filha de Marie e Louis, um dos casais responsáveis internacionais mais emblemáticos da história das ENS. Aproveitando o facto de os casais estarem reunidos no seu EI, há a iniciativa de se organizar um encontro paralelo, mas destinado aos jovens - na sua maioria, filhos dos

casais reunidos.

A Carta Internacional das ejNS indica que “As ejNS têm uma ligação privilegiada com os casais das ENS. O seu apoio ajuda os jovens a viver o aprofundamento espiritual das Equipas. É importante manter uma relação continuada entre os dois movimentos nos vários países e regiões, permitindo assim um conhecimento e ajuda mútuos”. Não podemos assim perder esta ligação verdadeiramente umbilical – na sua génese e espiritualidade – que a ambos os movimentos enriquece e complementa. **As ejNS são um meio de ajuda concreta aos jovens, para os ajudar a encontrar a sua vocação.** As ENS são um instrumento de ajuda concreta aos casais, para os ajudar a viver a sua vocação de cristãos casados.

De facto, lendo o que o fundador escreve sobre as ENS como proposta de vida, entendemos como isso se aplica também nas ejNS. Dizia o Padre Caffarel que “uma das condições para se entrar nas Equipas de Nossa Senhora é ter o desejo de progredir espiritualmente — pessoalmente e em casal.” Mas, porque sabe que este é um caminho difícil, adverte logo de seguida: “Este desejo pode enfraquecer e perder-se nas areias do hábito e da rotina. É indispensável mantê-lo e renová-lo”. (*Desejar*, in Carta Mensal, Novembro de 1948). É, por isso, uma proposta para um **caminho árduo e exigente**, feito ao mesmo tempo que os jovens crescem em todas as dimensões que compõem a sua vida.

Nesse sentido, é importante manter esta ligação com as ENS, apostando na sua missão de conduzir os jovens a manter o sentido cristão da família, pelo testemunho da vivência da **vocação do amor**, que, repousando sobre o próprio Deus, vive na alegria e na esperança de uma vida feliz e fecunda.

### **As Equipas de Jovens de Nossa Senhora: caminho para a Santidade**

Como já pudemos perceber, para se chegar às Equipas de Jovens de Nossa Senhora, tivemos de conhecer a sua “mãe” - o movimento das Equipas de Nossa Senhora, ou Equipas de Casais, como o conhecemos.

Nascidas no seio das ENS, as ejNS estão especialmente consagradas a Nossa Senhora. A vida de equipa desenvolve os valores espirituais e humanos de que Maria é modelo, centrada na oração, na partilha, na reflexão do tema e do ponto de esforço. O caminho proposto pelas ejNS baseia-se na “espiritualidade de passagem”. Passagem em primeiro lugar porque, sendo um movimento de jovens, está sempre destinado a ser temporário: acompanha os jovens no seu crescimento, precisamente na passagem de uma **fé recebida** para uma **fé vivida**, na passagem para uma fé mais sólida e madura. Esse é dos grandes desafios do movimento e da fase da vida na qual os equipistas se encontram - a passagem definida por uma decisão pessoal e convicta de seguir Jesus. E nisso o Padre Caffarel é muito claro: “Se a união com Cristo é para ti o essencial, e se as Equipas (de Jovens) de Nossa Senhora te parecem ser o meio providencial para alcançá-lo, então eu te digo que as Equipas devem ocupar um lugar **essencial** na tua vida.” (Objectivo nº1, in carta Mensal, Fevereiro de 1950).

É assim que entendemos a adesão ao movimento, como só assim se pode viver a adesão à Igreja e a Jesus, como uma entrega de vida, onde se joga **todo o**

**nosso viver.** Não podemos estar, se não for de coração, plenamente convencidos de que através do movimento Jesus fala connosco. Diremos, como o apóstolo Pedro: “A quem iremos Senhor? Só Vós tendes palavras de vida eterna” (Jo 6, 68).

As Equipas são também passagem para a descoberta de uma vocação, passagem para um assumir de compromissos com confiança. Como passagem, importa que seja consciente e segura (Carta Internacional das ejNS). As ejNS são uma escola de vida para os jovens, como as ENS são para os casais.

Nos vários escritos do Padre Caffarel, lemos com insistência que “*estar no movimento é procurar Cristo e, encontrando-O, segui-l’O com toda a determinação*”. O **objectivo nº 1**, para utilizar a expressão do fundador, é a união com Cristo (Cf. *Que vindes fazer às Equipas?*, in Carta Mensal, Novembro de 1948). Diz com impressionante acuidade: “A *única intenção verdadeira (para se entrar para as Equipas), a que corresponde à finalidade das Equipas, é a vontade de conhecer Deus melhor, de O amar melhor, de O servir melhor. Vem-se para as Equipas por Deus e fica-se nelas por Deus. O motivo da entrada e da permanência na equipa é religioso, ou seja, diz respeito a Deus.*” (Por Deus, in Carta Mensal, Dezembro de 1962).

Aqui se joga, em cada reunião ou actividade do movimento, a **procura da verdade**, do encontro e da comunhão, da vontade de Deus sobre cada um.  
**Um movimento Mariano**

Por fim, o papel de Maria no movimento - pode ser que Nossa Senhora não tenha sido a primeira motivação para entrarmos no movimento. Muitas vezes, os equipistas chegam às ejNS porque ouviram falar através de amigos ou pela família; raramente entram para o movimento por causa de Nossa Senhora. Contudo, as Equipas são um instrumento muito bom para aumentarmos a devoção a Nossa Senhora, para crescermos num amor e numa intimidade com a Mãe de Deus, que nos ensina a colocar Jesus no centro da nossa vida, como ela sempre fez. O que podemos aprender de Maria?

De Maria aprendemos o **silêncio e o ambiente de oração** que havia em sua casa, fundamentais para ouvir a voz de Deus na Anunciação do Anjo (Lc 1, 26-38).

De Maria aprendemos a **generosidade** do seu “*Faça-se em mim segundo a vossa vontade*”, que nos inspira a ser corajosos e ousados no seguimento da vontade de Deus.

De Maria aprendemos a **diligência** de largar tudo o que não é fundamental e pormo-nos a caminho para socorrer as aflições dos outros, como Nossa Senhora fez na Visitação à sua prima Santa Isabel (Lc 1, 39-56).

De Maria aprendemos a **procurar Jesus** no Templo que é a Igreja, como aquando da perda e o encontro do Menino Jesus (Lc 2, 41-52).

De Maria aprendemos a **confiança absoluta em Deus**, mesmo nos momentos em que não percebemos, guardando, como ela, “*tudo em seu coração*”.

De Maria aprendemos a **fidelidade até ao fim**, permanecendo junto à Cruz de Jesus, no meio do maior sofrimento, com uma fé inabalável (Jo 19, 17-27).

De Maria experimentamos a **alegria de testemunhar Jesus ressuscitado** e receber o Espírito Santo, que nos inspira a dar testemunho por todo o mundo de que Deus existe, nos ama e nos quer chamar a Si (Act 2, 1-12).



## Com Maria, nas Equipas que dela são, queremos amar cada vez mais Jesus, e caminhar rumo à santidade!

### PONTOS DE DISCUSSÃO

- Qual é para mim a **maior riqueza** do movimento das Equipas? Tenho-a aproveitado?
- Vimos que as Equipas nascem das ENS. Que importância dou – e damos em Equipa – ao nosso casal de Equipa? Vejo-o como um membro de facto da nossa Equipa? Olho-o com **respeito e proximidade**? Como posso aproveitar melhor a sua presença e testemunho, naquilo que é a sua vocação matrimonial e familiar?
- Procurar Cristo e unir-me a Ele é o **desafio permanente** do Padre Caffarel. Como procuro viver isso concretamente na minha vida? Onde procuro e encontro Jesus na minha Equipa e no movimento? Levo algo das reuniões para casa? Que parte da reunião posso aprofundar mais?
- As ejNS não nascem de um plano muito bem definido e pensado mas da **intuição e da iniciativa** de uma jovem, filha de um casal, que procurava algo mais para a sua vida espiritual. Será que oiço o que Deus tem para me dizer, sabendo que Ele pode e quer fazer coisas grandiosas na minha vida e, através de mim, na vida de tantos outros?

### PONTOS DE ORAÇÃO

- O nosso movimento é especialmente consagrado a Nossa Senhora. Devo por isso melhorar e **investir** na minha relação com Maria. Procuro fazer uma oração, rezando o Angelus ou o Terço, como pedi em Fátima. Procuro rezar diariamente e em Equipa.
- Uma vez que este tema é dedicado ao Movimento, procuro rezar de forma particular por **todos** os equipistas: a minha equipa – equipistas, casal e sua família –, o meu sector, o meu país, todo o movimento internacional, principalmente os países que passam por maiores dificuldades como a guerra. Rezo pelos que têm responsabilidades, pelos casais e sacerdotes assistentes. Rezo e agradeço por todos aqueles que já pertenceram e deram tanto ao movimento e por todos aqueles que estando no movimento, estão afastados e desanimados.

### PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

- Ir a uma actividade do movimento como Equipa. Inscrever-me nas propostas de acção social e serviço, não apenas com a motivação da **caridade**, mas por ser no contexto do movimento a que pertenço e com o qual me comprometi.
- Ler os Estatutos e o Documento Nacional das EJNS, sobretudo a parte que se

refere à Equipa e à sua ligação com o movimento e a Igreja. Perceber o que as Equipas **esperam de mim**.

- Escrever um texto para a Partilha, dizendo o que penso e como me sinto no Movimento.

#### PARA APROFUNDAR

- Youcat 80-85; 147-149
- Catecismo n.484-511; n.963-972
- No site das ejNS (<http://www.ejns.pt/>), podes ler os seguintes documentos:
  - Carta Internacional Cap. I (EJNS) e cap. IV (A vida em Equipa)
  - Documento Nacional Cap. I, II, IV e VII.

#### ORAÇÃO FINAL

Ó Tu que estás em mim...  
Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser  
deixa-me ir ter contigo  
no fundo do meu ser.  
Ó tu que estás em mim no fundo do meu ser  
adoro-Te, meu Deus  
no fundo do meu ser.  
Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser  
Louvado sejas Tu  
no fundo do meu ser.  
Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser  
entrego-me ao teu amor  
no fundo do meu ser.  
Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser  
guarda-me de todo o mal  
no fundo do meu ser.  
Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser  
que surja a tua alegria  
no fundo do meu ser.  
Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser  
faz-me viver de Ti  
no fundo do meu ser.  
Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser  
eu quero o que Tu queres  
no fundo do meu ser.  
Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser  
reúne o universo  
no fundo do meu ser.  
Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser  
glória ao teu santo Nome  
no fundo do meu ser.

Padre Henry Caffarel



FEVEREIRO  
RECEBER VIDA NOVA

# RECEBER VIDA NOVA

*“O nosso Salvador instituiu na última ceia, na noite em que foi entregue, o sacrifício eucarístico do seu corpo e sangue, para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até voltar, o sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da glória futura.”*

(Catecismo da Igreja Católica, §1323)

*“Um dos mistérios mais bonitos da comunhão é isso mesmo, receber Vida Nova.”*  
(Venerável Fulton J. Sheen)

Explicar o que é a Missa num tema de meia dúzia de páginas não é só ambicioso, é impossível. Neste caderno, teremos algumas ferramentas essenciais para percebermos a importância da Santa Missa, que é a maneira de recebermos Vida Nova. Começaremos por **introduzir** o tema, percebendo depois qual a **importância** da Missa, quais os vários nomes que lhe podemos dar, como se **constitui**, o que significa, e acabaremos a falar da (absoluta) relevância da **comunhão**.

## Uma “pequena” introdução

Há certas coisas na vida que são demasiado bonitas para serem esquecidas como, por exemplo, o amor da nossa mãe. O retrato daquela que nos deu “o ser” é, para cada um de nós, uma espécie de tesouro. O amor dos soldados que sacrificaram as suas vidas pelo seu país é também demasiado bonito para que o deixemos cair no esquecimento e, por isso, prestamos homenagem à sua memória.

Porém, a **maior bênção** de quantos vieram ao mundo, foi, certamente, a visita do Filho de Deus, sob a forma humana. A sua vida, superior a todas as vidas, é demasiado bela para ser esquecida, e é por isso que relembramos a divindade das Suas palavras na Sagrada Escritura, e a caridade dos Seus actos nas nossas acções de cada dia. Infelizmente, há quem se limite a lembrar apenas as palavras e acções de Jesus quando, apesar de muito importantes, não são o mais importante que Ele nos deixou. **O ato mais sublime, mais importante, da história de Cristo foi a Sua Morte.**

A morte é sempre importante porque sela um destino - é o inevitável fim de todas as vidas. Todo aquele que nasceu veio ao mundo para viver - mas Nosso Senhor veio ao mundo para morrer. Enquanto, para nós, a morte é um triste ponto final, para Jesus foi uma coroa. Ele próprio nos disse que veio *“para dar a Sua vida pela redenção de muitos”* (Mc 10, 45). Ninguém poderia tirar-lha, mas Ele podia dá-la voluntariamente.

Se, portanto, a morte foi o principal momento para o qual Cristo viveu, ela foi também a **única coisa** pela qual Ele quis ser lembrado. Jesus não pediu que registassem as Suas palavras numa Escritura, nem que a Sua bondade ficasse gravada na história; pediu apenas que recordassem a Sua morte. E para que essa memória não fosse entregue ao acaso das narrativas humanas, Ele próprio instituiu a maneira como devia ser lembrada.

Essa memória foi instituída na noite anterior à Sua Morte e, desde então, se chamou “A Última Ceia”. Tomado o pão nas Suas mãos, Jesus disse: “*Isto é o Meu Corpo que será entregue por vós, fazei isto em memória de Mim*”. Tomou também depois, da mesma maneira, o cálice, dizendo: “*Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados, fazei isto em memória de mim*”. (S. Lucas, 22, 19 e 20)

E, assim, num símbolo **incruento** (sem crueldade, sem sangue derramado) da separação do Sangue e do Corpo, pela consagração do Pão e do Vinho, Cristo ofereceu-Se à morte, à vista de Deus e dos homens, e representou a Sua morte, que devia ocorrer às três horas da tarde do dia seguinte. Ele oferecia-Se para ser **imolado** (oferecido, sacrificado) como vítima, e para que os homens nunca se esquecessem que jamais homem algum dera maior prova de amor do que Aquele que renunciava à vida em favor dos Seus amigos, deu à Igreja esta ordem divina: “*Fazei isto em memória de Mim*”. No dia seguinte, realizou **cruentamente** o que já havia antecipado na véspera. Foi crucificado e o Seu Sangue foi derramado pela redenção do mundo.

A Igreja que Cristo fundou, não só preservou a palavra que Ele proferiu como ainda o acto que praticou, no Sacrifício da Missa, em que recordamos a Sua morte na Cruz - nesta memória da última Ceia e renovação incruenta do Sacrifício do Calvário.

Por esta razão, a Missa é, para nós, onde culmina a amizade cristã. O púlpito, onde as palavras de Jesus são repetidas, não nos une a Ele. O coro, no qual os suaves sentimentos são cantados, não nos aproxima tanto da Cruz. Um templo sem altar de sacrifício não existiu entre os povos primitivos, e nada significa também para os cristãos. Na Igreja Católica é, pois, o **altar** - e não o púlpito, ou o coro, ou o órgão, - que representa o centro da amizade, pois é ali que se renova a memória da Paixão.

O valor da missa não depende daquele que o celebra, mas sim e apenas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ali estamos unidos com Ele, independentemente da nossa insignificância - unimos o nosso espírito, vontade, corpo, alma e coração tão intimamente com Jesus, que o Pai Celeste não vê a nossa imperfeição, pois contempla-nos através do Seu Filho Bem-Amado.

## **A Santa Missa**

**A Eucaristia é um sacramento e é fonte e cume de toda a vida cristã.** Os restantes sacramentos, assim como tudo o que faz parte da Igreja, estão directamente ligados com a sagrada Eucaristia. A comunhão de vida com Deus e a unidade do Seu povo, pelas quais a Igreja é o que é, ganham significado e são realizados pela Eucaristia. Com efeito, nesta está contido todo o tesouro espiritual da Igreja - por um lado, nela se encontra o cume da acção pela qual Deus, em Cristo, santifica o mundo; e por outro, do culto que, pelo Espírito Santo, os homens prestam a Cristo e ao Pai. Pela celebração eucarística, unimo-nos desde já à Liturgia do céu e antecipamos a vida eterna, quando “*Deus for tudo em todos*” (1 Cor 15, 18 ).

## Como se chama este sacramento?

A riqueza inesgotável deste sacramento exprime-se nos diferentes nomes que lhe são dados. Cada um relembra alguns dos seus aspectos. Chamamos-lhe:

**Eucaristia** (que quer dizer acção de graças), porque é acção de graças a Deus.

**Ceia do Senhor**, porque se trata da ceia que o Senhor comeu com os discípulos na véspera da Sua paixão.

**Fracção do Pão**, porque este rito, próprio da refeição dos judeus, foi utilizado por Jesus quando abençoava e distribuía o pão como chefe de família, sobretudo durante a última ceia. É por este gesto que os discípulos O reconhecerão depois da Sua ressurreição e é com esta expressão que os primeiros cristãos designarão as suas assembleias eucarísticas. Querem com isso significar que todos os que comem do único pão partido, Cristo, entram em comunhão com Ele e formam um só corpo n'Ele.

**Assembleia eucarística**, porque a Eucaristia é celebrada em assembleia de fiéis, expressão visível da Igreja.

**Santo Sacrifício**, porque actualiza o único sacrifício de Cristo Salvador e inclui a oferenda da Igreja; ou ainda Santo Sacrifício da Missa, «Sacrifício de louvor» (Heb 13, 15), Sacrifício espiritual, Sacrifício puro e santo.

**Santa e divina Liturgia**, porque toda a Liturgia da Igreja encontra o seu centro e a sua expressão mais densa na celebração deste sacramento; no mesmo sentido se lhe chama também celebração dos Santos Mistérios. Fala-se igualmente do Santíssimo Sacramento, porque é o sacramento dos sacramentos. E, com este nome, se designam as espécies eucarísticas guardadas no sacrário.

**Comunhão**, (que significa união) pois é por este sacramento que nos unimos a Cristo, o qual nos torna participantes do seu corpo e do seu sangue, para formarmos um só corpo.

**Santa Missa**, porque a liturgia em que se realiza o mistério da salvação termina com o envio dos fiéis (*missio*), para que vão cumprir a vontade de Deus na sua vida quotidiana.

## Como se constitui este Sacramento?

A Liturgia Eucarística celebra-se segundo uma estrutura fundamental, que se tem conservado através dos séculos. Divide-se em dois grandes momentos, que formam uma unidade:

- A reunião, a Liturgia da Palavra, com as leituras, a homília e a oração universal;
- A Liturgia Eucarística, com a apresentação do pão e do vinho, a acção de graças consecratória e a comunhão.

Estes dois momentos constituem juntos “um só e mesmo acto de culto”. Com efeito, a mesa posta para nós na Eucaristia é, ao mesmo tempo, a da Palavra de Deus e a do corpo do Senhor.

## E o que significa este Sacramento?

“*Fazei isto em memória de Mim*” (1 Cor 11, 24-25) - cumprimos esta ordem do Senhor celebrando o memorial do seu sacrifício. E fazendo-o, oferecemos ao Pai o que Ele próprio nos deu: os dons da sua criação, o pão e o vinho, transformados, pelo poder do Espírito Santo e pelas palavras de Cristo, no corpo e no sangue do mesmo Cristo; assim Cristo torna-se **real e misteriosamente presente**. Temos, pois, de considerar a Eucaristia:

- Como acção de graças e louvor ao Pai,
- Como memorial sacrificial de Cristo e do Seu corpo,
- Como presença de Cristo pelo poder da sua Palavra e do seu Espírito.

(Nota: É muito importante aprofundar cada uma destas dimensões da Missa. Talvez, por uma questão de eficácia, fosse oportuno escolher uma só destas dimensões e desenvolver o tema à volta dela.)

## A comunhão, receber Vida Nova

O Senhor dirige-nos um convite insistente a que O recebamos no sacramento da Eucaristia: “*Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós*” (Jo 6, 53). Para responder a este convite, devemos preparar-nos para este momento tão grande e santo. São Paulo exorta a um exame de consciência: “*Quem comer o pão ou beber do cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, cada qual a si mesmo e então coma desse pão e beba deste cálice; pois quem come e bebe, sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe a própria condenação*” (1Cor 11, 27-29). Ou seja, não devemos comungar conscientes de um pecado grave sem que antes nos confessemos.

A Igreja impõe aos fiéis a obrigação de “*participar na divina liturgia nos domingos e dias de festa*” e de receber a Eucaristia ao menos uma vez em cada ano, se possível no tempo pascal, preparados pelo sacramento da Reconciliação. Mas recomenda-lhes vivamente que recebam a santa Eucaristia aos domingos e dias de festa, ou ainda mais vezes, **mesmo todos os dias**.

A comunhão aumenta a nossa união com Cristo. Receber a Eucaristia na comunhão traz consigo, como fruto principal, a **união íntima** com Cristo Jesus. Cristo deixou-nos na Eucaristia a garantia da glória junto d’Ele: a participação na Missa identifica-nos com o Seu coração, sustenta as nossas forças ao longo da peregrinação desta vida, faz-nos desejar a vida eterna e desde já nos une à Igreja do céu, à Santíssima Virgem e a todos os santos.

### PONTOS DE DISCUSSÃO

- Vou à Missa todos os domingos? Se não, porquê? Se sim, poderia tentar ir durante a **semana**?

- **Percebo** as várias *partes* da Missa?
- Qual é o **lugar** da Palavra de Deus na minha vida? Leio-a diariamente? Sob que forma? O que é que procuro nela? Que faço para a perceber melhor?
- “*Se não comerdes a minha carne, não tereis a vida em vós*”. Estou convencido da **importância** da Eucaristia para alimentar a minha vida espiritual? Partilho a minha rotina – vou à missa? Só ao Domingo? Preparo-me para a missa?
- Participo em **conferências** ou palestras que são catequeses sobre a Missa?

#### PONTOS DE ORAÇÃO

O nosso querido Padre Caffarel deixou-nos vários textos que merecem ser lidos e meditados por todos os equipistas. A **profundidade** da mensagem e a **exigência amorosa** deste Padre em relação à Santa Missa não nos pode deixar **indiferentes** à presença real de Nosso Senhor, que é o nosso alimento espiritual.

Assim, como oração, lemos e meditamos os seguintes textos (basta pesquisar no Google - “O pão quotidiano, Carta mensal, Março de 1958” - a primeira ligação deverá ser um documento PDF que são os temas de estudo das ENS de 2008 onde estarão os textos abaixo mencionados):

- *O pão quotidiano* in (Carta mensal, Março de 1958);
- *Porquê tantos fracassos?* in (Carta mensal, Maio de 1955).

#### PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

- Rezar um tempo a seguir à Missa acabar, para dar **graças** a Deus pela graça de poder participar na Missa;
- Ler um dos livros ou textos sugeridos abaixo;
- Ir à Missa em equipa no Domingo e ajudarmo-nos uns aos outros para irmos também durante a semana (com esforço, conseguimos ir todos juntos).

#### PARA APROFUNDAR

- Catecismo da Igreja Católica, n.1322-1419 – Eucaristia
- Youcat 208-223
- Padre Pio um santo entre nós - Renzo Allegri
- Calvário e a Missa - Venerável Fulton J. Sheen (Um livro importantíssimo para viver melhor a Santa Missa, é pequeno e de fácil leitura, tentar requisitar numa biblioteca. Uma boa alternativa é ver um filme no youtube procurando o seguinte: Fulton Sheen o significado da Missa)
- Instrução Redemptionis Sacramentum – Congregação para o Culto Divino e a disciplina dos sacramentos (Para esclarecer algum pormenor sobre a Eucaristia, por exemplo: como se deve comungar, quem pode celebrar e etc.



Está disponível no site do Vaticano.)

- Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia – Papa João Paulo II (Esta encíclica é muito densa, mas pode ser útil para aprofundar alguns aspectos específicos sobre a Eucaristia. É um bom complemento ao tema. Está disponível no site do Vaticano.)

#### ORAÇÃO FINAL

Deus eterno e todo-poderoso, eis que me aproximo do sacramento do vosso Filho único, Nosso Senhor Jesus Cristo. Impuro, venho à fonte da misericórdia; cego, à luz da eterna claridade; pobre e indigente, ao Senhor do céu e da terra. Imploro, pois, a abundância da vossa liberalidade, para que Vos digneis curar a minha fraqueza, lavar as minhas manchas, iluminar a minha cegueira, enriquecer a minha pobreza, vestir a minha nudez.

Que eu receba o Pão dos Anjos, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores, com o respeito e a humildade, a contrição e a devoção, a pureza e a fé, o propósito e a intenção que convêm à salvação da minha alma.

Dai-me que receba não só o sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor, mas também o seu efeito e a sua força. Ó Deus de mansidão, fazei-me acolher com tais disposições o Corpo que o vosso Filho único, Nosso Senhor Jesus Cristo, recebeu da Virgem Maria, que seja incorporado ao seu Corpo Místico e contado entre os seus membros. Ó Pai cheio de amor, fazei que, recebendo agora o vosso Filho sob o véu do sacramento, possa na eternidade contemplá-la face a face.

Vós, que viveis e reinais na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.

Amén.

São Tomás de Aquino

**NOTAS:**



MARÇO

# UMA RELAÇÃO PESSOAL COM DEUS

# UMA RELAÇÃO PESSOAL COM DEUS

## Introdução - a oração

A nossa vida espiritual só se torna realmente importante se for alimentada no dia-a-dia com uma relação pessoal com Deus. Para vivermos com entusiasmo a nossa fé e deixarmos que Deus guie a nossa vida é fundamental falarmos com Ele regularmente, através da oração.

### O Papa Francisco refere que a chave que abre a porta da fé é a oração.

A nossa felicidade passa por estar em sintonia com Deus, por saber escutá-Lo e por nos deixarmos **orientar** por Ele, pois Deus criou-nos e conhece as aspirações mais profundas do nosso coração. Como dizia Santo Agostinho: “O nosso coração está irrequieto até encontrar o descanso em Ti”.

Esta escuta depende muito mais de nós do que de Deus, já que Deus está sempre **ansioso** por falar connosco, mesmo quando, muitas vezes, não O queremos ouvir. Ainda que evitemos pensar em Deus, ainda que O neguemos, Ele está sempre disponível para nós. Ele procura-nos antes de O procurarmos.

Para nos deixarmos interpelar por Deus, Ele próprio deixou-nos *ferramentas* - temos à nossa disposição a Eucaristia, cuja importância foi abordada no tema de Fevereiro, e a oração, que é a base de uma relação pessoal com Deus. Temos, assim, de dedicar tempo à oração e de perceber que rezar é tão importante para a nossa vida como respirar, comer ou amar.

### A importância da disciplina na oração

A relação pessoal com Deus só se constrói com uma rotina **diária** de oração: se não incluímos nas nossas agendas um tempo privilegiado para a oração, Deus deixa de ser um amigo que temos sempre ao nosso lado, para passar a ser um amigo distante com quem falamos de vez em quando e com uma comunicação pouco fluída.

A propósito do tempo que dedicamos à oração, o Padre Caffarel, numa conferência, confrontou os seus ouvintes com uma régua graduada com 96 divisões: “*Olhai para esta régua. Noventa e seis divisões: os 96 quartos de hora que compõem um dia. Contai, a partir da esquerda, o número de horas que reservais para o sono e marcai um traço vertical. Contai a seguir o número de horas de trabalho, profissional ou doméstico: outro traço. Depois as horas das refeições, os tempos de deslocções, da leitura do jornal, etc. Finalmente, desta vez a partir da direita, o tempo que consagrais à oração. A seguir, comparai!*” O **pouco tempo** que dedicamos à oração só pode ser explicado por **não acreditarmos verdadeiramente no valor da oração** e no papel fundamental que a oração tem na nossa vida.

## O dilema de Marta e Maria

A propósito da nossa falta de tempo e da dificuldade em encaixar a oração na nossa agenda, importa recordar o episódio de Marta e de Maria com Jesus (Lucas 10, 38-42): *“Continuando o seu caminho, Jesus entrou numa aldeia. E uma mulher, de nome Marta, recebeu-o em sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, a qual, sentada aos pés do Senhor, escutava a sua palavra. Marta, porém, andava atarefada com muitos serviços; e, aproximando-se, disse: «Senhor, não te preocupa que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe, pois, que me venha ajudar.» O Senhor respondeu-lhe: «Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas; mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.»”*

Todos os que procuram seguir Jesus têm em si as atitudes destas duas pessoas - a de Marta, que nos impele à ação e a de Maria, que nos leva à meditação. Quando Jesus refere que Maria “escolheu a melhor parte”, não significa que nos devamos ficar **apenas** pela meditação, mas sim que uma vida espiritual assente numa oração diária com Deus deve constituir a base para tudo aquilo que fazemos.

### A força da oração

Através da oração conseguimos dar sentido a tudo o que fazemos, adquirindo uma vitalidade espiritual, que nos permite resistir melhor às tentações e ganhar forças redobradas para seguir a nossa vocação. Ou seja, uma oração mais intensa desenvolve a nossa relação pessoal com Deus e impele-nos a sermos mais activos. **A proximidade com Deus torna-nos felizes e motiva-nos a fazer mais.**

Este efeito mobilizador da oração está bem patente na escolha dos Santos Padroeiros das Missões, feita pelo Papa Pio XI em 14 de Dezembro de 1927, e onde se confirmam os laços entre oração, caridade e ação na missão da Igreja:

- São Francisco Xavier, um missionário que se destacou na evangelização do Oriente;
- Santa Teresinha do Menino Jesus, uma religiosa Carmelita que viveu quase toda a sua vida num convento em profunda oração. O Papa Bento XVI, recordou que *“Teresa de Lisieux, sem ter saído de seu Carmelo viveu, à sua maneira, um autêntico espírito missionário”*.

### Como rezar?

Vencendo a barreira da falta de tempo, surge a dúvida de como rezar. É importante perceber que só se aprende a rezar **rezando**. Orar não é uma técnica que se aprende, mas antes um dom que se obtém, pela própria oração.

Como nota o Padre Caffarel, a meditação é um **dom de Deus** antes de ser uma actividade do homem. Mesmo que sintamos que não sabemos rezar, deveremos confiar que Deus está connosco na oração: apesar das nossas imperfeições e dificuldades de concentração, **Deus anseia por nos falar e só precisa que estejamos dispostos a**

## ouvi-Lo.

Sendo a oração uma relação pessoal com Deus, cada um faz o seu caminho e relaciona-se de forma particular com Deus, quer em momentos de oração individual, quer quando participa em orações em comunidade.

Aqui ficam algumas dicas que te poderão ajudar a **rezar melhor**, mas cabe-te a ti explorar este caminho e fazeres a tua descoberta pessoal de Deus:

- É importante ter um **bom começo** (dizia Santa Teresa de Ávila que *Depende, sobretudo, de começar com determinação*): procurar uma atitude corporal mais favorável e ter uns instantes de silêncio para quebrar o ritmo da nossa vida atarefada e intensa;
- Muitas vezes não nos conseguimos **abstrair** das nossas preocupações diárias. Nesses casos, a oração passa também por pensar o que Jesus faria quando confrontado com as mesmas situações que nós estamos a viver - uma boa oração passa por colocar Jesus nestas situações;
- O Papa Francisco nota que rezar não é só **recitar orações**, mas também falar com Deus de coração a coração. Nesse sentido, ao falar com Deus, deveremos procurar **personalizar** essa relação. Deveremos ser criativos na forma e no conteúdo. Podemos combinar orações com cânticos; momentos de silêncio com orações já conhecidas ou com orações espontâneas nossas, etc. Mais abaixo encontrarás algumas formas de rezar.
- É importante, enquanto equipista, explorar os métodos de **oração mariana**, como o Ângelus, Terço e Primeiros Sábados.

Em resumo, Deus manifesta-Se de **diversas** formas e está sempre disponível para nós, mas esquecemo-nos frequentemente Dele. Andamos demasiado atarefados na nossa vida e esquecemo-nos muitas vezes da *melhor parte*.

## Algumas formas de oração

- **Oração vocal** - diz (em voz alta ou baixa) as palavras de uma oração já feita que tu gostes. Ex: Pai-Nosso, Ave-Maria, um salmo, etc.
- **Meditação** - lê um texto da Bíblia e toma atenção à mensagem, pensando como essa esta se relaciona com a tua vida.
- **Contemplação** - lê bem uma cena da Bíblia (por ex. do Evangelho) e, depois, tenta imaginá-la como se fosse um filme, vendo e ouvindo as personagens como se também lá estivesses presente.
- **Colóquio** - fala com Deus com palavras tuas, “*como um amigo fala com o seu amigo ou como um servo fala ao seu Senhor*” (St. Inácio de Loyola)
- **Oração de Presença** - não digas nada. Imagina só, e toma consciência de que Deus está à tua frente. Fica saboreando essa presença amiga.
- **Oração da repetição** - um bom exercício de meditação passa por repetir vezes sem conta a mesma frase, por exemplo dizer, sem pressa e repetidamente “*Senhor, eu creio, mas aumenta a minha fé*”, ou rezar uma Ave Maria ou um Pai Nosso de forma muito lenta, meditando palavra a palavra;

- ❑ **Oração escrita** - escreve uma carta sincera a Deus!
- ❑ **Oração do pobre** – é uma oração em grupo. Depois de se ler um texto, faz-se um momento de silêncio e depois, cada um, quando tiver escolhido, repete a frase que mais lhe chamou a atenção. É uma maneira de termos mais atenção ao que lemos, e de nos unirmos na oração. Não tenhas vergonha, mesmo que repitas uma frase que já tenha sido dita.
- ❑ **Exame de consciência** - recorda e fala com Deus sobre os acontecimentos da tua vida e do mundo, tentando entender aí a Sua presença e vontade.
- ❑ **Lectio Divina** - lê, sem pressa, um texto da Escritura. Medita-o, dialoga com Deus e depois abandona-te a Ele, já sem palavras.

## Os Frutos da oração

Se não tivermos uma atitude **vigilante** de oração, vamos afastar-nos de Deus e nunca teremos uma vitalidade espiritual que nos permita perseverar na nossa vocação e resistir ao pecado.

A oração, ao desenvolver a nossa relação **pessoal** com Deus, poderá ter um papel transformador na nossa vida. Basta que nós o queiramos e que criemos uma disciplina diária de oração.

O efeito **mobilizador** da oração está bem presente na **felicidade** testemunhada pela vida dos Santos. Nas palavras de Santa Teresa de Calcutá: *“O fruto do silêncio é a oração; o fruto da oração é a fé; o fruto da fé é o amor; o fruto do amor é o serviço; e o fruto do serviço é a paz”*.

### PONTOS DE DISCUSSÃO

- ❑ Acredito no **valor** da oração?
- ❑ Que **tempo** dedico habitualmente à oração?
- ❑ Em que consiste a minha oração?
- ❑ Quais as principais **dificuldades** que sinto ao rezar?
- ❑ Será que tenho noção de que a voz de Deus mal se distingue do **silêncio**, e que por isso é preciso parar e fazer silêncio para rezar como deve ser?
- ❑ Como é que, em Equipa, posso melhorar a minha oração?

### PONTOS DE ORAÇÃO

- ❑ Como oração inicial, ler o episódio de Marta e de Maria com Jesus (Lucas 10, 38-42), referido no tema. Fazer a oração do pobre: após a leitura, cada pessoa lê em voz alta a frase que mais a marcou.

## PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

- Ir à noite de oração do nosso Sector;
- Combinar um momento de oração em equipa, fora da reunião;
- Fazer um **horário espiritual** e ter o firme propósito de o cumprir. (Este horário espiritual poderá consistir em várias coisas: leitura do Evangelho do dia, reflexões, leituras espirituais, livros de Santos, terço, Missa, liturgia das horas, etc)

## PARA APROFUNDAR

- *Deus de Surpresas*, de Gerard Hughes. (Este livro é, sobretudo, a proposta de um caminho no qual Deus aparece dos modos mais inesperados. Ao longo do livro, somos convidados a ir descobrindo, na nossa vida de fé e oração, os muitos ídolos que tomam o lugar de Deus e escondem o Seu verdadeiro rosto. Surpreendente, umas vezes, incómodo, outras, é um texto bem-humorado, que não deixa nenhum leitor indiferente.)
- *História de uma alma*, de Santa Teresa do Menino Jesus. (Neste livro encontramos a vivência dos valores evangélicos de Santa Teresinha do Menino Jesus. Simplicidade interior, acolhimento da vontade de Deus, abertura para os irmãos, intensa vida de oração: o exemplo da pequena carmelita de Lisieux suscita ainda hoje o crescimento espiritual em muitas pessoas.)
- Para ajudar no início da oração - *Sete Pausas na Beleza*, do site Passo a Rezar
- *Um Deus que dança*, Padre José Tolentino de Mendonça. (É um bom livro para ajudar à oração diária.)

## ORAÇÃO FINAL

Rezar uma Avé Maria de forma lenta e pausada, pensando em cada palavra (oração da repetição).





ABRIL

MARIA, MÃE DA IGREJA

# MARIA, MÃE DA IGREJA

*“Todos os verdadeiros filhos de Deus têm Deus por pai e Maria por sua mãe; quem não tiver Maria por mãe, não tem Deus por pai.”*  
(S. Luís Maria Grignon de Montfort)

## Introdução

“*Vou ser mãe*” é uma frase enganadora. Quem a diz, conjuga no futuro uma realidade presente - já há um coração a bater no seio daquela cuja boca anuncia um coração que há-de viver. É ainda mais falso dizer “*fui mãe*”. Ser mãe não é passado nem futuro, é sempre presente. **É a presença de um dom que permanece.** É em primeiro lugar um dom, uma iniciativa divina do Criador de todas as coisas. E, como todos os dons de Deus, é uma presença para sempre, que ocupa a vida toda, de tal modo que o povo diz: “*filhos criados, trabalhos dobrados*”. Neste tema, procuraremos perceber como Maria, Nossa mãe nos acompanha cada dia coma sua solicitude maternal.

## Maria, mãe da Igreja

*“Mulher, eis o teu filho. Depois disse ao discípulo, eis a tua mãe. Desde aquela hora o discípulo recebeu-a em sua casa”* (Jo 19, 26-27). Esta passagem do Evangelho não pode deixar de nos assombrar! No momento culminante da Sua **doação**, o Senhor Jesus entrega-nos Maria como mãe! Tantas vezes ouvimos estas palavras que talvez nos escape o seu sentido profundo. Aconteceu, de algum modo, o contrário do mistério de Nazaré. Trinta e três anos antes, o anjo Gabriel fora enviado a Nazaré - onde vivia a Virgem Maria - para lhe anunciar o desejo de Deus Pai de enviar o Seu Filho eterno a este mundo, marcado pelo pecado e necessitado de salvação. E desde aquela hora, Maria recebeu-O em sua casa. Naquele dia, o Filho de Deus fez-se Filho do homem no seio, na casa, da Virgem Maria. Foi o amor de Deus, o Espírito Santo, que forjou a carne santíssima de Jesus, a partir da carne imaculada de Nossa Senhora. Maria foi a porta de entrada de Deus neste mundo e Nazaré passou a ser a morada de Deus - Jesus, o Nazareno.

S. João conta que “*desde aquele dia o discípulo recebeu-a em sua casa*”. Não deveria ser ao contrário? Não deveria ser Maria a receber o discípulo? São as mães que recebem os filhos no seu seio, em sua casa, e não os filhos que recebem as mães. A única explicação para esta aparente contradição é que o discípulo já era filho e, por isso, já fora recebido pela mãe. Jesus diz a Maria: “*Mulher, eis o teu filho*”. João, o discípulo, já era filho de Nossa Senhora porque Jesus já o fizera discípulo Seu, já Se unira a ele pelo dom de Si mesmo. Naquele dia, no alto da Cruz, o Senhor revelou-nos o mistério da Igreja. Somos discípulos de Cristo, isto é, **somos um só corpo com Ele**. Ao enviar o Seu Filho muito amado, Deus Pai confiara-Lhe como missão fazer-nos filhos de Deus, unidos ao Pai pelo vínculo do Espírito Santo. Então, João percebeu que, em Nazaré, Maria tinha aceitado recebê-lo em sua casa, ao aceitar receber o Filho de Deus. O sim da Virgem Maria estendeu-se a toda a Igreja, a comunidade daqueles que estão unidos a Cristo, na adopção divina. De algum modo, Maria é a mãe da Igreja desde o dia da Encarnação do Verbo de Deus. Por isso, a Igreja não é uma **construção humana**, mas

a **união dos homens a Cristo**. Pelo baptismo somos gerados em Cristo como filhos de Deus, e vivemos esta união pela fé que nos leva a actuar como Cristo, amando como Cristo ama, até que, finalmente, alcancemos a perfeita comunhão com Ele no Céu.

*“Desde aquele dia, o discípulo recebeu-a em sua casa”*. Nesta frase esconde-se e revela-se a missão de Nossa Senhora. Assim como Deus veio a nossa casa para nos configurar consigo, assim Maria vem a nossa casa para nos ensinar a ser Cristo. Na *“Avé Maria”* rezamos: *“Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores...”* Reconhecemos, enfim, a **distância** a que nos encontramos da **altíssima vocação** a que fomos chamados pelo **baptismo**. Somos filhos de Deus, mas o pecado ainda nos mantém longe da imagem de Cristo. Ainda há tanto egoísmo, inveja e sujidade na nossa vida. Por isso, Maria vem a nossa casa como outrora foi visitar Isabel. Traz-nos Jesus e a Sua graça. Não somos nós que vamos ter com Deus. É Ele que caminha ao nosso encontro, trazido pela Sua e nossa mãe. Vem como **homem**, Filho de Maria e de Deus, para nos unir a Si.

*“Não tenhais medo de abrir, melhor, de escancarar as portas a Cristo”*, dizia o papa S. João Paulo II. Abrir as portas da nossa casa desarrumada e suja à graça de Deus, que arruma, limpa e cura. Mas para abrir as portas a Cristo, homem novo, tenho de as abrir a Maria. Não posso ser um só com Cristo sem ser, como Ele, filho da Virgem e de Deus. Não tenhamos **medo**. Muitas vezes ouvimos dizer que a devoção a Nossa Senhora nos afasta de Jesus, nos distrai do único Salvador e Messias. Não é verdade. Maria vem como educadora e mãe, com o coração a transbordar da graça do Senhor - ela é a *“cheia de graça”* - para nos conduzir a Jesus. Quando chega, logo nos diz *“fazei tudo o que Ele vos disser”* - ajuda-nos a levantarmo-nos quando caímos no pecado e insiste para que não desesperemos de caminhar no caminho da santidade. Quando sofremos, acompanha-nos como acompanhou Jesus ao calvário. **Ama-nos como a Jesus**. Olha para nós e vê o Seu Filho.

Desde o princípio, os padres da Igreja (isto é, aqueles escritores que são testemunhas autênticas do ensinamento dos Apóstolos, uma vez que viveram pouco depois da morte dos doze) se referiram a Maria como a **nova Eva**. Que queriam dizer? Que, assim como Eva concebeu (aceitou) no seu íntimo a palavra rebelde de Satanás, levando a humanidade ao pecado, assim Maria, a nova Eva, concebeu no seu seio a Palavra de Deus. Assim, Maria abriu o caminho ao homem novo, plenamente fiel a Deus: Jesus Cristo (cfr. S. Justino, S. Ireneu de Lyon e Tertuliano, por ex.). Maria é aquela que pisa a cabeça da **serpente** - essa que procura seduzir a humanidade, afastando-a de Deus (cfr. Gen 3,15).

A Igreja é esta **humanidade nova**, resgatada por Jesus Cristo, fruto do sim da Virgem Maria. Daí que, nas aparições em Fátima, Nossa Senhora insista tanto na oração do terço, pela qual contemplamos os mistérios da vida de Jesus e aprendemos a imitá-Lo. É como se viesse a nossa casa para nos ensinar a rezar, a contemplar intimamente o Senhor. Além disso, ensina-nos a acolher a Sua doutrina com **fidelidade** e **alegria**, embora tantas vezes nos pareça difícil.

## Equipas de Jovens de Nossa Senhora

Como vimos já em Janeiro, uma das expressões da presença de Nossa Senhora na nossa casa são as ejNS. Em cada reunião, juntamo-nos à volta da imagem de Maria para rezar, partilhar e aprofundar a doutrina do Senhor, fielmente guardada pela Igreja no depósito da fé. Fazendo-o, crescemos na consciência de que somos filhos de Deus e irmãos uns dos outros. Assim, cada equipa se abre a toda a Igreja e à humanidade inteira, aprendendo que **nenhuma** necessidade e miséria humana lhe é **alheia**, que todos somos responsáveis uns pelos outros, porque todos somos filhos de Deus e de Maria em Jesus Cristo.

Escreveu o Padre Caffarel: *“Agrupai-vos para procurar a Cristo, para o imitar, para o servir. Não o conseguíreis sem um **guia**. E não há melhor do que a Virgem. Gostaria que nas nossas equipas se aperfeiçoassem na fé, na onnipotente ternura da Virgem: que cada casal sinta essa **confiança** e essa **segurança** que enchem o coração dos pequeninos quando a sua mãe está ao pé deles. Gostaria que fosse essa uma das nossas notas características. Então ficarei muito tranquilo quanto ao futuro.” «E Ela tomou-os sob a sua protecção. E para toda a eternidade.»* (Péguy)

Então, as equipas serão **protegidas** contra o intelectualismo e o espírito crítico - é esse um dos primeiros benefícios da **intimidade** do cristão com a Virgem. Os corações serão aguardados na humildade: quem poderá fingir-se malicioso junto de Nossa Senhora? O amor fraterno reina. Sucede sempre assim quando a mãe está no meio dos seus filhos... Então a fonte de alegria não secará, visto que a “causa da nossa alegria” estará connosco. Penso que alguns dentre vós seguem-me com dificuldade, têm dificuldade em compreenderem o lugar tão **excepcional** que tem a Virgem no catolicismo (não se reza ao Deus todo poderoso recitando o Pai Nosso, sem imediatamente nos dirigirmos a essa maravilhosa rapariguinha para lhe rezarmos a Avé Maria).

Esta devoção, inquietam-se eles, não se arrisca a ser sentimentalismo, mais do que razão? Não tenho a pretensão de os convencer com este curto bilhete. Que eles me permitam, no entanto, que lhes transmita o melhor sermão sobre a Virgem que eu escrevi. Tinha conhecido um homem de negócios, que explorava o petróleo em Marrocos, na Arábia, etc... que tinha fábricas um pouco por todo o lado. Profundamente cristão, vinha dizer-me o grande lugar que a Virgem tinha na sua vida. Quis compreender porquê e perguntei: “Mas que é Ela então para si, a Virgem?”. Qual não foi a minha surpresa, o meu embaraço, de ver este homem tão viril perturbar-se, os seus olhos encheram-se de lágrimas enquanto deixava escapar: “A Minha Mãe”. Logo a seguir, mudei de assunto, envergonhado como aquele que sem o querer, surpreendeu um **segredo amor**, feliz como aquele que encontrou a razão porque os nossos robustos antepassados tinham uma tal veneração por Maria. Que este curto bilhete seja para vós um convite premente para conhecerdes a Virgem.”

As Equipas de Jovens de Nossa Senhora sabem ser boas filhas, no **duplo mistério da sua filiação**. Por um lado, vivem na Igreja e, por isso, têm Maria como mãe. Por outro, nasceram das equipas de casais e o seu seio gerador é a família. Por

isso, é tão importante o lugar do casal numa equipa. A fé transmite-se de geração em geração, de pais para filhos. Sempre a mesma, aquela que o Senhor Jesus ensinou aos Apóstolos e eles transmitiram à Igreja fundada sobre o seu ministério como sobre doze colunas. O casal **representa e cumpre a missão** dos pais de transmitirem a fé que receberam. Lembra-nos, além disso, a ligação ao movimento das equipas de casais de Nossa Senhora. O fundador deste movimento “mãe das EJNS” reunia-se com grupos de casais para aprofundar a sua ligação a Cristo na vida familiar e quotidiana. Durante algum tempo, estes grupos foram conhecidos como os “grupos do padre Caffarel” (assim se chamava o fundador). Mas isto entristecia o Pe. Caffarel, que a todo o custo queria ser fiel à Santa Igreja e fugir do espírito de “capelinha”. Então, lembrou-se de encomendar estes encontros a Nossa Senhora, o caminho mais seguro para nos levar a Jesus.

#### PONTOS DE DISCUSSÃO

- Como está a minha **relação** com Nossa Senhora? Percebo a importância de **aprofundar** a devoção a Nossa Senhora como caminho para me aproximar de Jesus?
- Como vejo o **papel** de Maria na Igreja? (Penso em Fátima, cujo Santuário é dedicado a Nossa Senhora de Fátima, mas em que vemos a capelinha a um canto, de lado, e Jesus no centro).
- Sei que sou Filho de Deus e da Virgem Maria e que, por isso, tenho a todos os homens como **irmãos**? Quero ser responsável pelo bem dos outros, transmitindo-lhes a alegria de ser Filho de Deus?
- Vejo a Igreja como uma instituição **meramente humana** ou percebo que ela é o mistério da nossa comunhão com Cristo?
- Que lugar têm Nossa Senhora na minha vida equipista? Reconheço que estas equipas são Suas e devem crescer por Si?

#### PONTOS DE ORAÇÃO

*“Ao chegar à região de Cesareia de Filipe, Jesus fez a seguinte pergunta aos seus discípulos: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» Eles responderam: «Uns dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas.» Perguntou-lhes de novo: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.»*

*Jesus disse-lhe em resposta: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu. Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu.»*

*Depois, ordenou aos discípulos que a ninguém dissessem que Ele era o Messias.” Mt 16, 13-20*

Rezo esta passagem. O que me diz? Quem diria eu que Jesus é? O que tem a ver esta passagem com a Igreja? Rezo pela Igreja? Só porque sim ou percebo o que estou fazer? Ajudo a Igreja? E a minha paróquia?

#### PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

- Rezar uma **dezena** todos os dias - podemos começar devagar, pelo pequeno e possível, e rapidamente estaremos no mais exigente, rezar o **terço** todos os dias.
- Ir aos primeiros sábados e terços organizados pelas ejNS, no meu sector.
- Ler e meditar os números do Catecismo da Igreja Católica sobre Maria, mãe da Igreja (cfr. 963-975).

#### PARA APROFUNDAR

- Catecismo da Igreja Católica, n. 963-975.
- Tratado da Verdadeira devoção a Nossa Senhora de S. Luís Maria Grignon de Montfort (Este é um livro precioso, escrito por um santo, meditado pelos santos, e quem tem a bela missão de formar os santos de Deus.)
- “*Totus tuus*” era o lema de São João Paulo II. Leio sobre este lema, sobre como este grande santo procurava chegar a Jesus através de Maria.

#### ORAÇÃO FINAL

(A Maria, como Mãe da Igreja, são dirigidas muitas e muitas orações. Diz-se que, pedindo algo a Nossa Senhora, Ela o pedirá ao Seu Filho, que não lhe dirá que não, porque nenhum filho consegue dizer que não a um pedido encarecido da sua mãe. Esta é a oração de São Bernardo, que reconhecia uma tal importância no pedido à Nossa Mãe, que se prostra a Seus pés e suplica.)

#### **Oração de São Bernardo**

Lembra-Vos, ó piíssima Virgem Maria,  
que nunca se ouviu dizer  
que algum daqueles  
que têm recorrido à vossa protecção,  
implorado a vossa assistência,  
e reclamado o vosso socorro,  
fosse por Vós desamparado.  
Animado eu, pois, de igual confiança,  
a Vós, Virgem entre todas singular,  
como a Mãe recorro,  
de Vós me valho e,  
gemendo sob o peso dos meus pecados,  
me prostro aos Vossos pés.  
Não desprezeis as minhas súplicas,  
ó Mãe do Filho de Deus humanado,  
mas dignai-Vos  
de as ouvir propícia  
e de me alcançar o que Vos rogo. Ámen.



MAIO

A MENSAGEM DE FÁTIMA

# A MENSAGEM DE FÁTIMA

*“Quereis Oferecer-vos a Deus”*

(Centenário das aparições de Nossa Senhora de Fátima na Cova da Iria)

*“Se a Igreja aceitou a mensagem de Fátima é sobretudo porque ela contém uma verdade e um chamamento, que no seu conteúdo fundamental, são a verdade e o chamamento do próprio Evangelho.”*

( S.João Paulo II, 13 de Maio de 1982, Portugal)

A Mensagem de Fátima é mais uma revelação particular, reconhecida pela Igreja, que nos vem lembrar este caminho da salvação, plenamente **revelado e realizado em Jesus Cristo**. Neste sentido, *“Deus explicita, através de personagens escolhidas, num determinado contexto histórico, a urgência de voltar a Jesus Cristo, único caminho de salvação. Mostrar a vontade de Deus, no tempo presente, é o aspecto essencial da profecia na Igreja. Compreender a incidência de Jesus Cristo e do mistério da salvação num tempo histórico concreto é, no fundo, ler os “sinais dos tempos”, obrigação contínua da Igreja.”* (in Anexo II dos Estatutos do Santuário de Fátima)

Com efeito, a mensagem de Fátima é **relevante e reveladora** para os crentes de todos os tempos; não ficou presa ao passado mas projecta-se para o nosso presente e abre horizontes de fé para o futuro da história. Uma vez que os acontecimentos de Fátima são um apelo à humanidade do nosso tempo, também a celebração do primeiro centenário procura ser um instrumento deste apelo tão **actual**. Não se trata, portanto, só de celebrar uma data histórica, cujas repercussões se reduzem ao passado.

Nas ejNS, não podíamos deixar de refletir sobre a importância das aparições, tanto para nós como para toda a Igreja. Temos vindo a aprender a olhar para Nossa Senhora como olhava o Pe. Caffarel, vendo n'Ela um caminho para Jesus. Aceitando o desafio, procuramos **conhecer** Nossa senhora a partir das suas aparições em Fátima e da **mensagem** que deixou, reconhecida e acolhida pela Igreja. Dizia o Cardeal Cerejeira: *“Não foi a Igreja que impôs Fátima, foi Fátima que se impôs à Igreja.”* No centenário das Aparições, somos convidados a fazer o caminho que tantos antes de nós fizeram, e que a própria Igreja fez, para reconhecer que o que está em causa é o Evangelho e a Vontade de Deus.

A peregrinação do papa Bento XVI à Cova da Iria, em Maio de 2010, na sequência das dos seus predecessores, mostra-nos, de algum modo, que na mensagem de Fátima há um conjunto de elementos que a podem tornar **veículo de evangelização**, caminho para a conversão e para o encontro com Jesus. Neste tema, olhamos para **sete** elementos que caracterizam as aparições - e que nos centram naquilo que elas têm de essencial para o nosso crescimento na relação pessoal com Deus e também para o crescimento de toda a equipa, como desafiava o Pe. Caffarel. Vamos, em conjunto, fortalecer a nossa fé, e caminhar para a santidade com os modelos de Nossa Senhora e dos Pastorinhos.



## 1. Adoração

Na sua primeira aparição, o Anjo, de joelhos, curvado até ao chão, convida as crianças à adoração que transforma a fé em esperança e amor: *“Meu Deus eu creio, adoro, espero e amo-vos. Peço-vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam.”* Este espírito de **adoração na fé**, que se abre em **espírito reparador na esperança e no amor**, é concretizado na oração que o Anjo ensina aos pastorinhos na sua última aparição (*“Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo”*).

Fátima lembra a importância da adoração, desta disposição interior que nos situa diante de Deus, mistério de graça e misericórdia. A base da adoração é a **entrega humilde da existência nas mãos de Deus**, o reconhecimento de Deus enquanto Deus e de Si mesmo enquanto filho amado. E, neste processo, purificamo-nos, o nosso olhar e o nosso agir, à luz do amor com que o próprio Deus nos ama. Os pastorinhos foram excepcionais no espírito de adoração - surpreende o jeito contemplativo com que Francisco procurava o recolhimento e o silêncio para “pensar em Deus” e para o consolar. E eu, sei o que é a Adoração? Costumo adorar? Como o faço? Percebo a sua importância? Porque é que adorar consola Deus?

## 2. Conversão

O drama da história humana, tocada pelo pecado, é apresentado com uma lucidez viva na mensagem de Fátima. O drama do pecado é ali denunciado, traduzido nas visões do inferno e da cidade em ruínas e nas inúmeras referências aos pecadores, sobre quem recai a atenção da misericórdia de Deus. O pecado transparece como centro da tragédia humana, da qual surge a urgência da conversão. Do fundo do desamor, a conversão é **adesão ao amor de Deus**.

Face à visão do inferno, a pequena Jacinta pergunta: *“que pecados são os que essa gente faz para ir para o Inferno?”* E a prima Lúcia, na inocência da sua infância, tenta uma resposta: *“Não sei. Talvez o pecado de não ir à missa ao Domingo, de roubar, de dizer palavras feias, rogar pragas, jurar.”* Em Fátima, tornam-se claras duas dimensões da conversão - a **pessoal** e a dos **outros**. Até porque há uma espécie de ciclo - a conversão pessoal é também convocação ao dom de si pela conversão dos outros - na certeza de que esta faz parte da missão que nos foi por Ele deixada. Os sacrifícios pela conversão dos pecadores foram expressão da oferta sacrificial que os pastorinhos fizeram de si mesmos, pelos outros.

Logo na primeira oração do Anjo, o **drama do mal** está presente: *“Peço-vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não os amam.”* O nosso Deus é um Deus de amor e, por vezes, é difícil conceber a existência do Inferno - mas Nossa Senhora mostrou-o aos Pastorinhos. Tentamos perceber, em equipa, o que é o Inferno - como é que posso reconhecer a sua existência e não duvidar da misericórdia de Deus?

### 3. Reparação

É insistente o pedido de reparação, em Fátima. O Anjo e a Senhora do Rosário desafiam ao dom de si em *acto de reparação pelos pecados com que Deus é ofendido*. Em Junho, as três crianças vêm na *“luz imensa que a Senhora lhes transmite um coração, que elas compreendem ser o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação”*. A devoção dos primeiros sábados será, na aparição de Julho, indicada como um meio de reparação.

Os pastorinhos, e em particular Francisco, deixam-se surpreender por esta tristeza de Deus, esse mesmo Deus que os enche de alegria. É a tristeza de quem ama infinitamente e vê aqueles que ele ama **perdidos** no desamor. Aquele que se sabe amado **incondicionalmente** por Deus compreende o Seu sofrimento por todos quantos se perdem do Seu abraço com a marca do pecado. E o desejo de **consolar a Deus** surge como vocação. Como diz Francisco: *“Deus está tão triste, por causa de tantos pecados. Se eu fosse capaz de lhe dar alegria.”* A reparação não é nada mais nem nada menos do que um **ato de amor**. Assim o vive o Francisco, o consolador de Deus: não como uma imposição, mas como um acto livre de amor de quem quer alegrar Aquele que ama e por quem se sente infinitamente amado. Em Fátima, percebemos que Deus é como um pai que ama tanto os filhos que sofre com as suas falhas, não porque desejasse que fossem perfeitos, mas porque sabe que estas falhas o farão sofrer. Percebemos que, amando a Deus, como um filho a um Pai, não queremos falhar para não o ofender, porque O amamos tanto que não O queremos ver sofrer.

### 4. Misericórdia

A compaixão faz-se, novamente, acontecimento em Fátima. Mais uma vez, o Deus triste com o drama da história dos homens, com os seus sofrimentos e desencontros, com as suas falhas e egoísmos - olha para o homem e compadece-Se e mostra-Se para nos indicar o caminho. Já o Anjo falara neste *“coração misericordioso que das alturas nos visita como sol nascente”* (Lc 1,78) ao afirmar que os Corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Num mundo **sedento de vida plena**, mas desencontrado da sua nascente e focado em construir *“cisternas para si, cisternas rotas, que não podem conter as águas”* (Jer 2,13), é a própria nascente que vai ao encontro de quem tem sede. Em Fátima, a misericórdia de Deus é, novamente, assunto - percebemos que é **Ele que se aproxima de nós**, depois de nos dirigir um olhar cheio de amor infinito, cheio de paz, cheio de alegria, de verdadeira felicidade. Um olhar que só quer bem, que já quer o outro antes do outro se saber querido, que já quer a sua salvação antes que ele o queira. Em Fátima percebemos que O entristecemos tanto e de tantas maneiras, que nos desviamos tantas vezes do caminho que Ele traçou para nós mas que, ainda assim, Ele nos perdoa.

### 5. Rosário

A Senhora do Rosário não se cansou de pedir aos pastorinhos que *“rezassem o terço todos os dias”*. A razão da insistência nesta oração aponta para o centro da mensagem de Fátima, que é lembrado nas contas dos mistérios do rosário - um Deus que é a misericórdia, que vem ao encontro do homem, sedento de o resgatar para a

alegria plena; assim também a oração do rosário nos centra nessa promessa definitiva do triunfo da misericórdia que a vida de Cristo, evocada nos mistérios do terço, veio inaugurar.

Pedido em todas as aparições de Nossa Senhora, o terço é a oração aprendida na escola de Maria. Educa-nos na **humildade da fé**, ao estilo dessa mulher única que, com o seu “*fiat*”, fez da sua vida dom, e que conservava cada gesto, cada palavra de Jesus, “*ponderando-as no seu coração*” (Lc 2,19). No rosário, meditar os mistérios da vida de Cristo, ao jeito de Maria, é deixar-se moldar pela presença de Deus, tal como ela o fez. Acreditamos no poder da Oração ou vemo-la como algo simbólico?

## 6. Segredo

O chamado “*Segredo de Fátima*” refere-se às visões e palavras que os pastorinhos testemunharam na aparição de Julho de 1917. Este segredo, guardado durante muito tempo pelos pastorinhos e dado a conhecer ao longo do último século, é conhecido pelas suas três partes: as duas primeiras, redigidas em 1941, que constavam de uma visão do inferno e da devoção ao Imaculado Coração de Maria; e a terceira, redigida em 1944 e revelada em Fátima no jubileu do ano 2000, que consta da visão da cidade em ruínas.

Não é difícil perceber que o segredo se referia a algumas das situações complicadas vividas no século XX, mas isso não significa que o segredo deva ser reportado ao passado; ele **espelha-se no presente e projeta-se no futuro**. Oferece-se como luz para a interpretação da história humana, como sinal dos tempos, que aponta para o cuidado paterno e materno de Deus pela humanidade. O segredo confirma que a história é um processo em construção e que a oração e a conversão são protagonistas na narrativa humana.

Na evocação do Imaculado Coração de Maria – expressão, por um lado, da ternura de Deus e, por outro, do acolhimento dessa ternura por parte daqueles que, como Maria, se consagram a Deus – reconhece-se o centro da existência cristã: o “segredo” do dom, que é a revelação do amor. Assim, na primeira parte do segredo, com a visão do inferno relembra-se a **opção fundamental** a que o homem é convidado; mas a visão não se completa senão com os **ecos de esperança do Coração Imaculado** e da sua devoção. Na segunda parte, no pedido da consagração da Rússia ao Coração Imaculado ressoam as **atrocidades da história** humana do último século; mas renova-se o **convite à confiança** na promessa do Coração, na palavra final da ternura de Deus. Finalmente, na terceira parte, a montanha íngreme e a cidade em ruínas seriam o **retrato do absurdo** sem a presença da **grande cruz**. O eco deste segredo anunciado é **de confiança** no triunfo do Coração.

Deus explicita, através de personagens escolhidas, num determinado contexto histórico, a urgência de voltar a Jesus Cristo, único caminho de salvação. Mostrar a vontade de Deus, no tempo presente, é o aspecto essencial da profecia na Igreja.

Tínhamos percepção da importância das aparições de Fátima neste contexto

da profecia da Igreja, reforçando e lembrando que é fundamental *voltar a Jesus Cristo*? Ou interpretamos as Aparições como um milagre, uma história isolada, cuja única função é a de dar provas à minha Fé?

## 7. Eucaristia

A comunhão está presente no desafio feito pela Senhora de branco: “*Quereis oferecer-vos a Deus? Quereis oferecer-vos pela humanidade?* Faz-se assim eco daquela palavra inauguradora de Cristo: *Eis o cálice da nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós*” (Lc 22,20). As palavras da Senhora são um convite renovado a viver a partir da lógica eucarística do dom de si, inaugurada por Jesus. E o “*Sim, queremos oferecer-nos*” dos três pequenos pastores de Fátima é a assinatura de uma vida toda de entrega humilde nas mãos de Deus pelos homens. A reparação pedida em Fátima não é outra coisa que a participação do mistério eucarístico de Cristo, da sua missão redentora.

Este convite a viver eucaristicamente é também o centro do pedido da **comunhão reparadora** nos primeiros sábados. Estes serão sinal de uma recondução de tudo e todos ao mistério de Deus, através do dom de si de cada homem. Que importância conferimos nós à devoção dos Primeiros Sábados? Como podemos ver a Eucaristia como forma de nos oferecermos a Deus?

### PONTOS DE DISCUSSÃO

- **Adoração** - olho para a Hóstia consagrada com o mesmo **amor e devoção** com que os Pastorinhos olhavam? Vejo, verdadeiramente, nesta Hóstia, Jesus?
- **Conversão** - como se manifesta na minha vida a dimensão de conversão *global* que Fátima anuncia? Alegro-me com a minha própria conversão ou faço por converter também os outros (sabendo que é Deus que converte através de mim, e que eu sou apenas um humilde veículo de conversão)? Se tento converter, faço-o com paciência, **humildade** e misericórdia? Ou caio na presunção e arrogância de me achar superior aos outros só porque já acredito?
- **Reparação** - porque e como é que eu, jovem a viver em 2017, posso de alguma maneira ajudar a reparar as feridas do Coração Imaculado de Maria? Porque é que os meus pecados ofendem este coração que vive fora do tempo e do espaço, e portanto já conhece todos os pecados que alguma vez existiram ou vão existir? Porque é que rezar pode ajudar a apagá-los?

### PONTOS DE ORAÇÃO

- Este mês, medita os Mistérios da alegria - dedicando **tempo e atenção** a cada um, procurando ler o evangelho correspondente a cada mistério, imaginando como seria se estivesses lá, usando qualquer um dos métodos de oração que aprendeste no tema de Março.

## PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

- ☐ Meditar e rezar o Terço todos os dias;
- ☐ Ir a Fátima com a minha Equipa.

## PARA APROFUNDAR

- ☐ *As Memórias da Irmã Lúcia*;
- ☐ *Os apelos da Mensagem de Fátima*;
- ☐ *Um caminho Sob o Olhar de Maria* Ed. Carmelo de Coimbra
- ☐ [www.eu-acredito.pt](http://www.eu-acredito.pt)

## ORAÇÃO FINAL

### **Oração jubilar de consagração**

Salve, Mãe do Senhor, Virgem Maria, Rainha do Rosário de Fátima! Bendita entre todas as mulheres, és a imagem da Igreja vestida da luz pascal, és a honra do nosso povo, és o triunfo sobre a marca do mal.

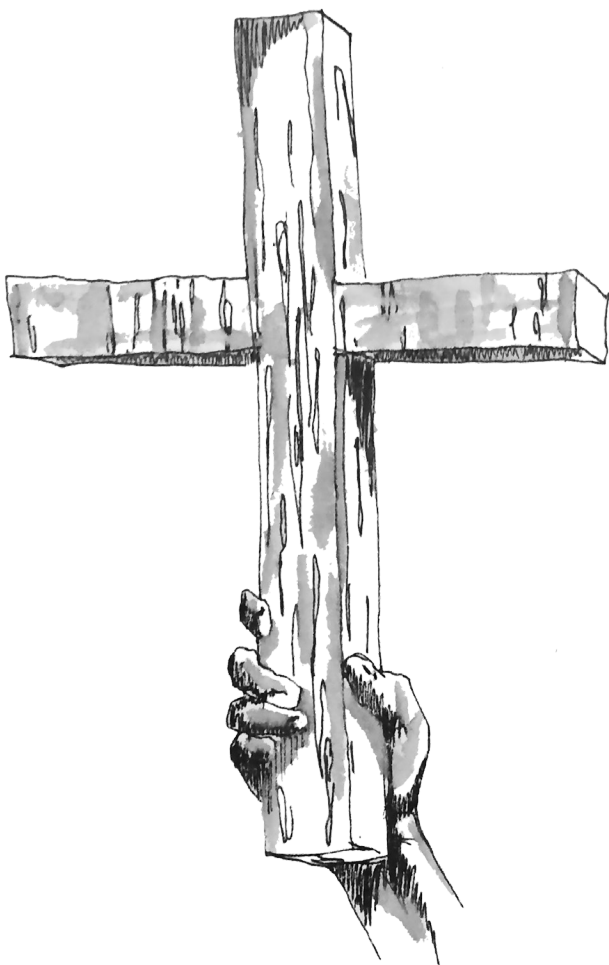
Profecia do Amor misericordioso do Pai, Mestra do Anúncio da Boa-Nova do Filho, Sinal do Fogo ardente do Espírito Santo, ensina-nos, neste vale de alegrias e dores, as verdades eternas que o Pai revela aos pequeninos.

Mostra-nos a força do teu manto protetor. No teu Imaculado Coração, sê o refúgio dos pecadores e o caminho que conduz até Deus.

Unido aos meus irmãos, na Fé, na Esperança e no Amor, a ti me entrego. Unido aos meus irmãos, por ti, a Deus me consagro, ó Virgem do Rosário de Fátima.

E, enfim, envolvido na Luz que das tuas mãos nos vem, darei glória ao Senhor pelos séculos dos séculos. Ámen.

**NOTAS:**



JUNHO

A ALEGRIA É O FRUTO DA  
CRUZ

# A ALEGRIA É FRUTO DA CRUZ

“O equilíbrio cristão exprime-se através do binómio Paulino: Morte-Ressurreição. Quando se elimina ou se subestima um dos dois termos, falseia-se a espiritualidade cristã. Tendes toda a razão em querer apresentar aos não crentes do rosto alegre e forte do amor e da fé. Mas não vos esqueçais de que a **Paixão precede a Ressurreição**, que a alegria é o fruto da Cruz. *Quem não toma a sua cruz dia após dia*, isto é, quem não mortifica incansavelmente um egoísmo que renasce continuamente, quem não acolhe os sofrimentos, pequenos ou grandes, como obreiros de purificação, nunca oferecerá o espectáculo de um amor radioso, de uma religião sedutora.”  
(Henry Caffarel, *Carta mensal*, Março 1948)

## Não rasgar a página da Cruz

O Papa São João Paulo II dizia que uma **tentação** a que os cristãos têm de resistir é a de rasgar do Evangelho a página da Cruz. Talvez, por vezes, pensemos que seria mais fácil para todos seguir e anunciar um Evangelho sem incidentes, sem exigência, sem tensões, sem confronto; que não transportasse consigo uma proposta de renúncia, de conversão, de entrega e dom; que fizesse um parêntesis na noite da Paixão, para nos fazer entrar directamente na manhã da Ressurreição. Mas isso não seria o Evangelho cristão! Lembrem-se do que dizia São Paulo: *“Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus. Portanto, o que é tido como loucura de Deus, é mais sábio que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus, é mais forte que os homens.”* (1Cor 1, 23-25) É esta contradição que dá à Cruz a sua força: o **instrumento de morte**, transforma-se em **porta para a vida**.

Mais do que ficarmos mudos e desesperados perante o sofrimento, precisamos de voltar à página da Cruz, para a entender e extrair dela todo o seu **sentido**! Dizia São Tomás de Aquino que *“Nenhum sofrimento é absurdo. Está sempre alicerçado na Sabedoria de Deus.”*

## Descalçar as sandálias

O tema do sofrimento é um dos maiores **desafios** para o homem. Ele acompanha-o enquanto vive no mundo. Para a questão do sofrimento, não se encontram, nem se dão, respostas fáceis: *“ele suscita compaixão, inspira também respeito e, a seu modo, intimida.”* (João Paulo II, *Salvifici Doloris*) É preciso aproximarmo-nos da realidade do sofrimento, como quem se aproxima de um grande mistério e descalçar as sandálias, como Moisés, diante da sarça ardente, para não nos **apressarmos** a dar respostas que não o são.

Embora o sofrimento se manifeste na vida do homem sob muitas formas, *“ele é algo tão profundo como o homem, precisamente porque manifesta aquela profundidade*



que é própria do homem e, a seu modo, a supera. O sofrimento parece pertencer à **transcendência** do homem; é um daqueles pontos em que o homem está, em certo sentido, “destinado” a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo.” (João Paulo II, SD) O sofrimento assume, assim, uma dimensão espiritual, como uma realidade a partir da qual Deus chama o homem a um **caminho de santidade** e a uma **proximidade** maior com Jesus Crucificado.

## O sofrimento e o mal

A Cruz significa a experiência **radical** do sofrimento. E o “*homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poder-se-ia dizer que o homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, num certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou.*” (João Paulo II, SD). Por isso, a questão do mal, aparece sempre em referência ao bem, do qual é, em maior ou menor grau, **ausência**. O homem sofre na medida em que lhe faltam saúde, afecto, liberdade, perdão, amor, misericórdia, vida, ou quaisquer outros bens.

Em relação a esta questão, François Varillon diz-nos o seguinte: “*ser cristão quer dizer que não se é dualista, não se acredita que existe um princípio eterno do Mal face a um princípio eterno do Bem, que é Deus. Confessamos que Deus é criador de tudo quanto existe e, no entanto, não podemos afirmar que Ele é o criador do Mal. Que deus seria esse?*” (in *A alegria de crer e de viver*)

### Se Deus é Amor, Ele só pode amar! Mas se é assim, como explicamos o mal?

Segundo Varillon, há **três** formas tradicionais de tentar explicar, ou justificar, o mal, que temos de evitar:

1. “*O mal é a sombra do bem*”: quer dizer que a presença do mal, é **condição** para um bem maior. É preciso que haja mal, para que possa reconhecer-se o bem. Alguns regimes totalitários justificaram assim as atrocidades que cometeram em nome de um suposto bem que queriam alcançar. O cristão não pode aceitar este argumento, porque está ao lado daquele que sofre, para quem o mal é injusto (lembremo-nos de Job). O mal não possui o bem e, por isso, não se lhe pode pedir que dê o que não tem. Perante isto, a atitude do cristão perante esta afirmação, há-de ser a de Dostoïevsky: “*Mesmo que a imensa fábrica do universo oferecesse as mais extraordinárias maravilhas e não custasse senão uma única lágrima duma única criança, eu recusaria isso.*”

2. “*O sofrimento é um castigo*”: ideia muito antiga! O sofrimento, diz-se, é **consequência** do pecado do homem e vem como uma punição de Deus. Como explicar, então, que um recém-nascido, inocente, possa sofrer? Resposta difícil... Nunca vimos Jesus aproximar-se de alguém para lhe infligir algum tipo de sofrimento, mesmo que por uma razão pedagógica. Jesus sempre combateu o mal e procurou aliviar o homem do sofrimento que lhe causava! A verdade é que o sofrimento, mais cedo ou mais tarde, atinge todos. Os sofrimentos não nos são distribuídos de acordo com as nossas faltas, ou com o nosso comportamento, numa lógica automática de causa-efeito. Aceitar esta explicação, mais uma vez, é arranjar uma justificação para o mal, aceitando-o como um certo bem.

3. “*O mal é consequência da liberdade do homem*”: segundo esta ideia, se

não é Deus, então há-de ser a **liberdade** do homem a responsável pelo mal. É verdade que um mau uso da liberdade pode conduzir a um mal e ao sofrimento do homem, mas será sempre assim? Na presença do mal que resulta de um tremor de terra, de um cataclismo ou de uma epidemia, onde entra a liberdade do homem? Quer isso dizer que se o homem não fosse livre não existiria mal ou sofrimento? Esta explicação para o mal é, também, insuficiente, porque não consegue responder totalmente à questão.

Daqui resulta, como diz Nabert no *Essai sur le mal*, que o “mal é injustificável”. Por isso, não valerá de muito procurar uma **explicação** para o mal. Como diz Varillon, *o mal não existe para ser compreendido, mas para ser combatido*. “O mal é um sem-sentido, o sofrimento, um absurdo. Impossível encontrar-lhes sentido.” Claro que, em si, o mal e o sofrimento não têm sentido, mas suportados e combatidos por Amor, eles podem ajudar à redenção da humanidade. O Amor dá sentido a tudo - até ao sofrimento.

## Toma a tua Cruz

“O Amor vence tudo”, é uma expressão de Vergílio, que também podemos aplicar à realidade do sofrimento. Deus **entrega** o seu Filho ao mundo, precisamente para nos **libertar** do mal e do sofrimento. E essa entrega é um acto de Amor. Com a paixão de Cristo, tudo o que em nós é sofrimento, passa a ter um novo enquadramento. Jesus Cristo carregou o peso de todo o pecado - foi esse o elevado preço da nossa redenção.

Jesus entregou-se e, **livre**, morreu crucificado, porque nos ama! Ele que não tinha culpa, carregou sobre Si o peso das nossas culpas e abriu à nossa frente uma estrada nova: a da vitória da vida sobre a morte.

À questão acerca do *porquê?* do sofrimento, pode dar lugar a pergunta *para quê?* Foram vários os Santos que, a partir das suas experiências de profundo sofrimento se aproximaram interiormente de Cristo - lembremos o exemplo de Francisco de Assis, ou Inácio de Loyola, entre muitos outros -, como se, no sofrimento, o homem entrasse mais profundamente na sua realidade e, a partir daí, fizesse um caminho de **humildade** e **purificação** que o leva à descoberta de Deus. O sofrimento, quando vencemos a revolta, quando aceite, pode dar-nos a capacidade de reequacionar a vida e a própria vocação.

O sem-sentido da cruz foi, por Jesus, transformado em rampa de lançamento do **bem definitivo**, da salvação eterna. Quer dizer que o sem-sentido do sofrimento e do mal, pode ser **vencido com o sentido** do Amor e do Bem, que nos vêm de Cristo. Tal como Cristo venceu, também os seus seguidores podem fazer, com Ele, esse caminho da graça e da libertação, que só acontece no profundo do ser, mais a partir do coração do que exteriormente. E à pergunta: “*onde estava Jesus no meio do meu sofrimento?*”, ouvirão responder “*na cruz, Jesus estava contigo na Cruz.*”

Se Jesus nos convida a tomar a cruz e a segui-lo, temos aí uma **vocação**: associar a nossa própria cruz à Cruz de Cristo e, com isso, participar da sua missão redentora, unindo-nos espiritualmente a esse projecto de salvação do mundo. Não se trata de buscar o sofrimento, trata-se de o **aceitar quando chega** e transfigurá-lo,

descobrimos uma possibilidade de sentido. E, à medida que vamos conseguindo responder assim a Jesus, o sofrimento e a cruz de experiência esmagadora de mal e de morte, transfiguram-se em caminho de luz e ressurreição. Aí, experimentamos, como, mesmo em profundo sofrimento, é possível possuir a **paz interior** e a **alegria espiritual**.

### Frutificar em alegria

Do que dissemos anteriormente, podemos concluir que a nossa alegria é uma alegria pascal. Ou seja, a nossa alegria não depende do facto de conseguirmos retirar do nosso caminho todos os nossos motivos de tristeza, ela depende do facto de sermos capazes de **converter a tristeza em alegria** (Jo 16, 19-22). A alegria de um cristão não é aquele estado exterior de euforia, que tantas vezes buscamos, mas, antes, o fruto para quem sabe que vive na vontade de Deus que conduz a vida, com tudo o que ela traz. É importante que este seguimento da vontade de Deus seja feito com coerência, para esse desejo da santidade, do céu que todos buscamos, para quem faz a profunda experiência de se entregar todo nas mãos de Deus, sabendo *“que a verdadeira alegria está radicada na liberdade que só Deus pode dar.”* (Papa Bento XVI).

#### PONTOS DE DISCUSSÃO

- Numa cultura do bem estar, alheia ao sofrimento, quando tenho de dar testemunho de Jesus e de anunciar a sua Palavra, sinto dificuldade em falar de um **Deus crucificado**?
- Quando estou perante uma situação de sofrimento, meu ou de outra pessoa, quando me apercebo de todo o mal que acontece no mundo, que **expectativas** tenho em relação a Deus?
- Por vezes, é-me difícil **aceitar** um sofrimento que não pode ser facilmente explicado. Costumo ficar satisfeito(a) com as três formas típicas de explicar o sofrimento, listadas por François Varillon? Continuam a fazer sentido, ou começo a olhar as coisas de forma diferente?
- Qual é a **alegria** que procuro? A alegria superficial, barulhenta e eufórica, que abafa o que vivo interiormente, ou aquela alegria que brota da verdade do que sou e da certeza de que vivo como Deus quer?
- Conheço a **minha cruz**? Sei identificar o que me faz sofrer? Tento alhear-me disso, viver como se não existisse, ou empenho-me em actividades que me ocupem e em relações que me distraiam, para não ter de lidar seriamente com isso?

#### PONTOS DE ORAÇÃO

- Lê sobre São João Paulo II e medita.

Nos últimos anos da sua vida, o Papa São João Paulo II deu um testemunho muito evidente de como o sofrimento não tem de determinar o fim da nossa alegria. De

que o sofrimento e a morte não têm a última palavra! A história não acaba aí! Não há que ter medo!

*“A cruz significa dar a vida pelo irmão, para poder salvá-la juntamente com a sua. A cruz significa que o amor é mais forte que o ódio e a vingança, que é melhor dar que receber e que a entrega é mais eficaz que a exigência. A cruz significa que não há fracasso sem esperança, sombras sem luz, tormenta sem porto de salvação. A cruz significa que o amor não tem fronteiras: sai ao encontro do teu próximo e não esqueças quem está afastado! A cruz significa que Deus é sempre maior que nós, os homens. Maior que o nosso próprio fracasso. E que a vida, é mais forte que a morte.”*  
João Paulo II

A vida, só pode mesmo ser mais forte que a morte. Essa foi a mensagem que João Paulo II fez questão de passar ao Mundo nesses últimos anos do seu pontificado. E, a sua cruz, o sofrimento, que revelado ao Mundo era, para muitos, motivo de escândalo, de críticas, de incompreensão, no seu íntimo, era caminho de encontro com o Pai. Era **semente de alegria**! João Paulo II soube dizê-lo como ninguém. Soube dizer que a vida não se conforma com os limites que os homens lhe queiram impor. Foi um Papa que sempre quis levar Deus ao encontro de todos os Seus filhos. E, como filho, sabia que a verdadeira alegria só pode estar em deixar-se encontrar pelo Pai.

#### PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

- Ao longo do mês, escolhe uma ou mais destas passagens e lê a leitura de onde foram retiradas. Reza-a e medita até perceberes de que forma a **alegria** se manifesta através do sofrimento:
  - *“Conheceu, pois, Jesus que o queriam interrogar, e disse-lhes: Indagais entre vós acerca disto que disse: Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis? Na verdade, na verdade vos digo que vós chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará, e vós estareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria. A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque é chegada a sua hora; mas, depois de ter dado à luz a criança, já não se lembra da aflição, pelo prazer de haver nascido um homem no mundo. Assim também vós agora, na verdade, tendes tristeza; mas outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém vo-la tirará”* (Jo 16, 19-22)
  - Jesus respondeu: *“Como podem os convidados do noivo ficar de luto enquanto o noivo está com eles? Virão dias quando o noivo lhes será tirado; então jejuarão.”* (Mt 9, 15)
  - *“Contudo, alegrem-se, não porque os espíritos se submetem a vocês, mas porque seus nomes estão escritos nos céus”* (Lc 10, 20)
  - *“Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram”.* (Rm 12, 15)
  - *“Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vosso gozo; porque pela fé estais em pé”.* (2Cor 1, 24)
  - *“Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.”* (Gl 5, 22)

- “*Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar.*” (Ecl 3, 4)
- Fazer um propósito concreto de largar um **vício** que tenho. Por exemplo: não dizer palavrões, não responder mal aos pais, não deitar abaixo o nosso irmão. Para combater estes vícios é importante arranjar meios/estratégias para os largar - por exemplo, sempre que falhar, a seguir rezo interiormente o acto de contrição ou uma Ave Maria.
- Visitar **semanalmente** os avós ou um familiar que viva sozinho, inscrever-me num voluntariado. (Aprendo a ajudar os outros a carregarem as suas cruzes.)

#### PARA APROFUNDAR

- São João Paulo II – *Carta Apostólica Salvifici Doloris, sobre o sentido cristão do sofrimento humano*, 1984 [Todo o texto]
- Amedeo Cencini – *A Alegria, sal da vida cristã*, Paulinas, 2010 [Todo o texto]
- François Varillon – *A Alegria de crer e de viver*, Editorial AO, 1996 [A parte sobre “Combater o mal e o sofrimento”]

#### ORAÇÃO FINAL

(Este hino, na sua versão latina, foi escrito por Venâncio Fortunato, Bispo de Poitiers, e foi cantado pela primeira vez no dia 19 de Novembro de 569, na procissão que levou uma relíquia da Santa Cruz, oferecida pelo Imperador Bizantino Justino II, de Tours para o Mosteiro da Santa Cruz de Poitiers.)

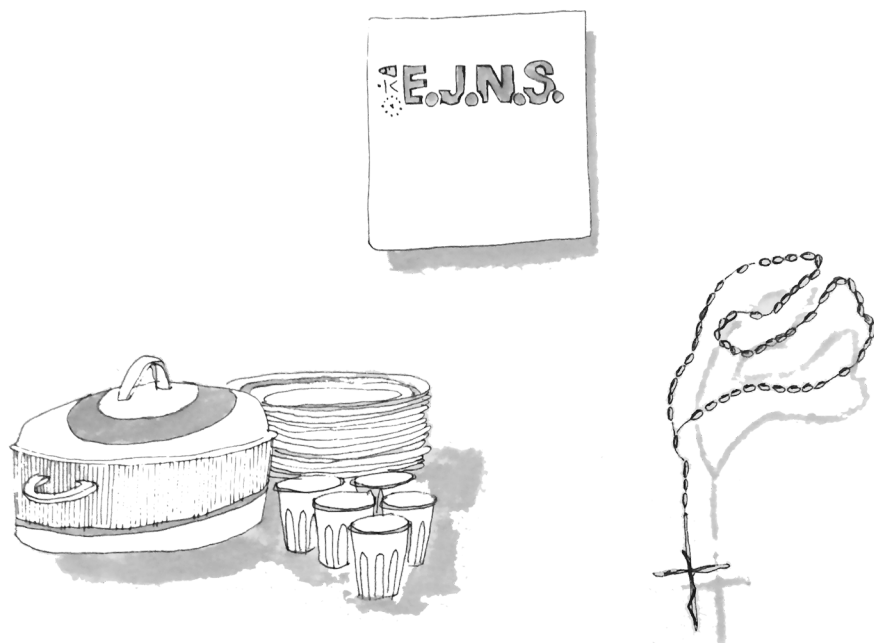
O estandarte da Cruz proclama ao mundo  
A morte de Jesus e a sua glória,  
Porque o autor de todo o universo  
Contemplamos suspenso do madeiro.

Com um golpe de lança trespassado,  
Ficou aberto o Coração de Cristo,  
Manando sangue e água como rio,  
Para lavar os crimes deste mundo.

Ó árvore fecunda e refulgente,  
Ornada com a túnica real,  
Sois tálamo, sois trono e sois altar,  
Para o corpo chagado e glorioso.

Ó Cruz bendita, só tu nos abriste  
Os braços de Jesus, o Redentor,  
Balança do resgate que arrancaste  
Nossas almas das mãos do inimigo.

Cruz do Senhor, és única esperança,  
No tempo da tristeza e da Paixão.  
Aumenta nos cristãos a luz da fé,  
Sê para os homens o sinal da paz.



JULHO

# A VIDA EM EQUIPA BALANÇO

# A VIDA EM EQUIPA - BALANÇO

Neste mês, em vez de tratarmos só um tema, vamos também fazer um balanço do que foi este ano. É importante que esta reunião antes das férias de Verão seja dedicada a olhar para o ano que passou, a fim de que a equipa possa evoluir nos próximos anos. À semelhança das outras reuniões, esta também é preciso ser bem preparada, avaliando com verdade todos os pontos propostos. E, no fim, não nos podemos esquecer daquilo que nos traz aqui todos os meses: **conhecer e amar** Jesus Cristo, que se torna presente na minha vida e nos outros à minha volta. Avalio se as reuniões foram úteis vendo os frutos que dão na minha vida: se aumentaram o meu amor a Jesus e à Igreja; se eu participo mais no Movimento e dou algo em troca do que recebo. Se me estimulam a dar testemunho de Jesus àqueles que estão à minha volta e me ajudam a dar uma resposta de fé às questões que me são postas na vida do dia-a-dia.

Além do balanço, é importante nesta reunião tratar outro tema: o facto de fazermos esta caminhada **juntos**, em equipa. Juntos, percebemos a importância deste modelo familiar que seguimos e perguntamo-nos se vivemos como verdadeiros irmãos na fé.

*“Encontrar Cristo quer dizer, em primeiro lugar, pôr-se à escuta d’Aquele que se sabe estar ali. Ele fala-nos na Escritura — por isso amamos a Palavra de Deus. Fala-nos através dos ensinamentos da Igreja elaborados, a pouco e pouco, através da sua meditação da Bíblia. Fala-nos do fundo do coração daquele irmão ou daquela irmã, mas muitas vezes é necessário perceber para lá das palavras. Fala de diferentes maneiras durante a reunião, mas é preciso ter “um coração que escuta”, segundo a expressão bíblica. Fala para fazer confidências a cada um, para revelar o Pai e o seu grande desígnio, para convidar à conversão (nunca acabamos de nos converter), fala para nos lançar em auxílio dos outros... Fala, e tem-se a impressão de que tudo isso é muito difícil de pôr em prática. Tanto mais que Ele não Se contenta com falar, mas transforma aqueles que confessam a sua impotência dando-lhes esse Espírito de Força que fez de simples aldeões da Galileia incansáveis testemunhas do Salvador.”* (Pe. Henri Caffarel, Carta das Equipas de Nossa Senhora, Março-Abril 1973)

## Tema

Neste Caderno, é-nos proposto aprofundar o *Carisma* das ejNS. Ainda só vamos a meio, mas precisamente para estarmos a tempo de **corrigir** a nossa abordagem aos temas (e às reuniões, no geral) é que fazemos este balanço a meio do ano. Então, até agora, foi muito difícil perceber o objectivo de cada tema? Achei que os temas correspondiam à minha realidade? Aprendi e procurei saber ainda mais sobre aquilo que me estava a ser proposto, dedicando, por isso, mais estudo e tempo aos temas? Consigo identificar o **desafio** que cada um dos temas traz à minha vida? Os temas ajudam-me a crescer na Fé? (Pode ajudar ver o índice do Caderno de Temas e rever cada um dos Temas que já foi trabalhado, partilhando se deu frutos ou não.)



## Oração

Em cada tema há pontos de oração para o mês. Ajudaram-me a **aprofundar** a minha relação com Jesus? Rezámos sempre nas reuniões? Rezei pela Equipa durante o ano? Aproveitei a Bíblia para fazer orações? Peço a intercessão de Nossa Senhora nas orações? Na oração em equipa, aproveito para **expor** as minhas intenções?

## Partilha

Preparo a minha partilha? Limito-me a relatar o mês ou vou ao fundo da questão que me traz ali? Como é que a encaro? Como uma parte da reunião importante para **unir** a Equipa, ou apenas como a parte de saber as curiosidades de cada um? Levo a minha partilha a sério, ou ainda me custa partilhar com os outros, porque não me sinto à vontade? Todos partilharam e ouviram os outros com interesse ou deixámos sempre a partilha para o fim e eram mais os que estavam a dormir do que os acordados? A partilha é a altura ideal para expormos as nossas dificuldades e inquietações - estou atento e predisposto a aceitar o que os outros equipistas têm para me dizer?

## Ponto de Esforço

Esforcei-me por definir pontos de esforço **exigentes** mas **possíveis**? Empenhei-me para os cumprir, ou esqueci-me? Partilhei sempre se cumpri ou não? O ponto de esforço serviu-me para aplicar os conhecimentos que ganhei ao debater algum dos temas, crescendo como cristão, no amor a Deus e aos outros? Sinto que o ponto de esforço dá continuidade à reunião durante o resto do mês?

## Construir Equipa

*“A ambição do nosso Movimento é instaurar no seio de cada equipa (...) essa qualidade de relações humanas.”* (Pe. Henri Caffarel, *Carta mensal*, Dezembro 1954)

Como é a minha relação com os membros da minha equipa, somos amigos? E **amigos em Cristo**? Qual a diferença? Ajudamo-nos uns aos outros nas batalhas diárias e a desenvolver as virtudes cristãs? Sei que posso contar com cada um para tudo o que precisar?

Vimos que as Equipas nascem das ENS. Que importância dou – e damos em Equipa – ao nosso casal de Equipa? Vejo-o como um **membro de facto** da nossa Equipa? Olho-o com respeito e proximidade? Como posso aproveitar melhor a sua presença e testemunho, naquilo que é a sua vocação matrimonial e familiar?

## Movimento

Neste ano, fiz por me lembrar que as Equipas de Jovens de Nossa Senhora são mais do que a minha Equipa? Fiz por participar nas actividades nacionais, internacionais e do meu sector? Há imensas actividades por onde escolher - noites de oração, encontros, peregrinações, primeiros sábados, voluntariado... Desafiei a minha Equipa a participar? Tenho consciência de que a minha participação nas actividades

é importante na medida em que o meu compromisso com o movimento sugere o meu compromisso com os outros? Ao ser um equipista, estou consciente de que este é um caminho de viver a Fé em Igreja? Leio a **Partilha**? Pago as **quotas**?

#### PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

- Aproveitar os meses de Verão, em que não há reunião, para fazer alguma coisa diferente em Equipa.
- Rezar pelas Equipas do mundo inteiro, principalmente as da Síria e do Líbano.
- Ler um livro que aprofunde alguns temas da fé ou uma carta do Papa ou o Evangelho do dia, etc.
- Rezar a proposta de verão das ejNS, que vem com a Partilha, durante as férias.
- Rezar todos os dias o Magnificat, que é a oração das ejNS.

#### ORAÇÃO FINAL

##### ***Magnificat***

A minha alma glorifica o Senhor  
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva:  
De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:

Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração

Sobre aqueles que o temem.

Manifestou o poder do seu braço

E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos

E exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens

E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,

Lembrado da sua misericórdia,

Como tinha prometido a nossos pais,

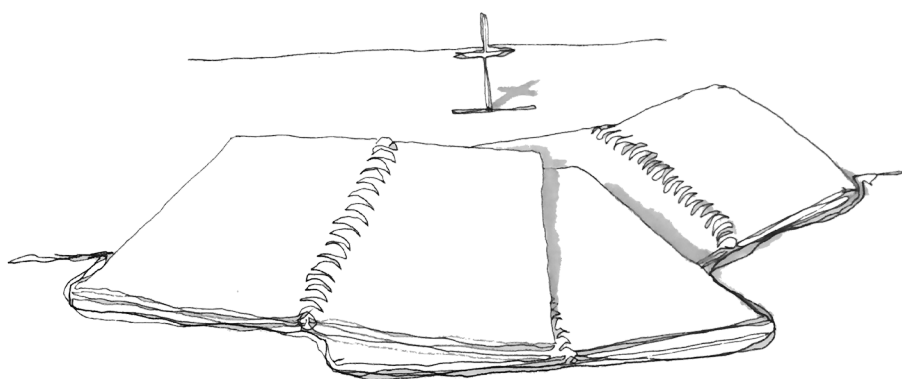
A Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho

E ao Espírito Santo,

Como era no princípio,

Agora e sempre. **Âmen.**



SETEMBRO

SANTIFICAR O QUOTIDIANO

# SANTIFICAR O QUOTIDIANO

## Apresentação do tema

Já vimos, em temas anteriores, como somos todos chamados à santidade: “Somos livres para ser santos”, disse-nos o Papa Bento XVI em Fátima, em Maio de 2010. Essa proposta de santidade, sempre **exigente**, não é apenas para alguns, mas para todos! E não é apenas a partir de determinada idade, **mas já** - agora, com quinze ou vinte cinco anos, na situação de vida em que nos encontramos.

Poderíamos cair na tentação de achar que essa santidade seria algo muito espiritualista, que nos obrigaria a um **corte** com a vida comum. De facto, essa lógica, por vezes, pareceu vingar no pensamento de alguns cristãos, porventura influenciados pelo pensamento platónico grego ou pelo pensamento hebraico que entendia o Sagrado (Kadosh) como separado do profano. Para o povo de Israel, só Deus era Santo. Porém, a Encarnação do Filho de Deus veio mudar a percepção da santidade.

Com Jesus, percebemos que a santidade não nos afasta das coisas simples e materiais, mas remete exactamente para o quotidiano, para a **normalidade** do dia-a-dia, pois o próprio Deus veio santificar essa normalidade, vivendo-a!

Por isso, S. Josemaria Escrivá veio lembrar que a **proposta de santidade** é para a vida diária comum e vem trazer unidade à nossa vida interior e exterior: “*onde estiverem os homens, vossos irmãos; onde estiverem as vossas aspirações, o vosso trabalho, os vossos amores, é aí que está o sítio do vosso encontro quotidiano com Cristo. É no meio das coisas mais materiais da Terra que devemos santificar-nos, servindo Deus e todos os homens*”.

Ser santo é **tudo** o que desejamos, quando descobrimos que Deus dá sentido a **tudo** o que somos e fazemos, que Deus nos ama tanto ao ponto de se interessar até pelos nossos acontecimentos aparentemente insignificantes, que Deus entra e acompanha a nossa história. E aí, descobrimos como Deus nos colocou no mundo, com esta missão de “*instaurar todas as coisas em Cristo*” (Ef 1,10), isto é, de deixar Deus reinar sobre todas as coisas comuns, dando-Lhe tudo, porque S. Paulo nos disse que “*tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus*” (1Cor 3,23). Em tudo somos convidados a amar e servir, fazendo as pequenas coisas por amor, lembrando-nos que nada é pequeno aos olhos de Deus, quando feito por amor.

## Tentações

Este caminho de santidade no quotidiano tem algumas tentações, que o Pe. Caffarel nos ajuda a identificar. Aqui estão **três**:

### 1. Tentaçao da falta de tempo para a família

Às vezes, apontamos a coisas tão extraordinárias que esquecemos as

pequenas coisas, aquelas coisas mais quotidianas e que damos por **garantidas**. A santidade passa, precisamente, por santificar - elevar ao coração de Deus e à Sua medida de amor - todas as relações humanas quotidianas, sejam as relações familiares, profissionais ou amizades. É nessas relações que vamos aprendendo a amar como Deus ama. E, aí, reconhecemos como é tão mais fácil ser **santo fora de casa**, fora do ambiente familiar, cheios de voluntariados e projectos com amigos. E, tantas vezes, até acontece chegar a casa animados mas mudar de cara, ao ouvir aquela expressão fatal *"a casa não é um hotel"*... Porque já não temos *"nem serenidade para aturar as manias do pai, nem paciência para as perguntas da mãe, nem tempo para ajudar os irmãos mais novos nos TPC"*. Na verdade, amar aqueles que estão connosco diariamente é mesmo difícil, e eles revelam tantas vezes os nossos **egoísmos** e **comodismos** secretos, porque nos conhecem bem. E tantas vezes a nossa tentação é fechar a porta do quarto...

O Pe. Caffarel percebeu como o caminho de santidade passa **sempre pela família**. Por isso dizia: *"Tudo isto exige tempo, imaginação, inteligência, carácter, coração, espírito de humildade e de abnegação. É preciso amor, um amor autêntico!"*.

A santificação do quotidiano passa por este tempo para a família, por esta **purificação do nosso amor por cada membro da nossa família**: um amor mais autêntico e gratuito, que aprende a aceitar o outro como ele é, que suporta alguma injustiça ou ingratidão, que se dá dando o seu tempo, mesmo quando isso passa por não fazer nada de especial mas simplesmente estar em casa com a família e conversar sobre as coisas quotidianas, mantendo a porta do quarto aberta ao outro!

## **2.Tentação da desvalorização do trabalho ou do estudo diário**

A segunda tentação é confundir santidade com **devoção espiritualista**, esquecendo o valor do trabalho ou do estudo diário. A este propósito, o Pe. Caffarel contava a história de um gestor e pai de família que, tendo conhecido Deus e o tesouro da oração, passara a desvalorizar o seu trabalho e a empenhar-se menos, chegando até atrasado às reuniões e ao escritório, porque queria dedicar cada vez mais tempo à oração. Ora, isto pode ser perigoso, porque Deus deseja que nos encontremos com Ele na oração, mas também que O encontremos no nosso trabalho e que nos **empenhemos precisamente** aí, nos nossos trabalhos e estudos, pelo bem que isso faz aos outros e a nós próprios. Esse trabalho ou estudo é também o que podemos oferecer a Deus, em cada dia, no altar da Missa. Efectivamente, o trabalho não é um castigo, mas sim a colaboração do homem e da mulher com Deus no aperfeiçoamento da criação visível - e a oração nunca nos poderá tirar dessa nossa obrigação!

Dizia, a este propósito, o Pe. Caffarel: *"Falar aos leigos de vida interior, de união a Deus é, pensa-se [erradamente], encorajar a esquecer as suas responsabilidades e a fugir dos seus deveres familiares, profissionais ou apostólicos. Será que quem se ocupa de Deus ainda está apto a ocupar-se das coisas da terra? Não se compreende que a vida espiritual dos leigos não consiste em brincar aos monges mas a viver a caridade na sua própria vida; que é precisamente essa caridade que constitui o dever de se dedicar às suas tarefas com uma competência sempre acrescida, sendo essa mesma*

*competência uma forma da caridade. Ser competente é, com efeito, amar os irmãos. Não praticará eminentemente o amor fraterno aquele que aplica a sua inteligência e as suas forças à descoberta dos segredos da natureza ou à elaboração de melhores leis para a cidade, aquele que se torna capaz de socorrer os corpos doentes ou de minorar o sofrimento dos homens?"*

De facto, a amizade com Deus passa por um **compromisso** ainda maior com os outros, a quem servimos de forma **competente** pelo nosso trabalho ou pelo nosso estudo. E é precisamente aí, no nosso local de trabalho, que Deus se quer encontrar connosco. A consciência de que a santidade se vive nos lugares quotidianos foi expressa claramente nos documentos do Concílio Vaticano II, em que se lembrava: *"os homens e as mulheres que, ao ganhar o sustento para si e suas famílias, de tal modo exercem a própria actividade que prestam conveniente serviço à sociedade, com razão podem considerar que prolongam com o seu trabalho a obra do Criador, ajudam os seus irmãos e dão uma contribuição pessoal para a realização dos desígnios de Deus na história"* (*Gaudium et Spes*, 34).

Nesse sentido, importa olhar para o **testemunho** de Jesus, que viveu durante 30 anos em Nazaré, como um simples carpinteiro no seio da família de Maria e José, trabalhando com mãos humanas, pensando com inteligência humana, agindo com vontade humana, amando com um coração humano (cf. *Gaudium et Spes*, 34). O testemunho de Jesus, **empenhado** no seu trabalho tão simples, vem mostrar como o nosso trabalho ou estudo é tão valioso aos olhos de Deus e, por isso somos convidados a imitar Jesus, deixando que o nosso trabalho quotidiano seja a nossa resposta de amor ao amor de Deus por nós. **Diz-me como trabalhas ou estudas** – empenho, dedicação, espírito de sacrifício, alegria, honestidade, criatividade, atenção ao outro, capacidade de espanto, delicadeza, gratidão – **e dir-te-ei que tipo de cristão és!**

A missão do trabalho e/ou estudo – expresso pelo mandato que Deus confiou a Adão e Eva de guardar a terra (cf. Gn 2,15) – é assim uma missão de santidade que nos põe ao serviço dos outros. De facto, pelo trabalho ou pelo estudo não apenas se constrói o mundo como também nós próprios somos construídos, sendo trabalhadas em nós tantas virtudes que nos dão identidade cristã: humildade, perseverança, atenção, docilidade, amabilidade - tudo pode contribuir para a nossa santificação.

### **3.Tentação das férias**

Finalmente, a terceira tentação talvez seja bem conhecida e talvez tenhamos caído nela nestas últimas semanas de férias de verão. É a tentação de *metermos férias de Deus*, em que achamos que temos direito ao nosso descanso, porque *já fizemos o suficiente* e deixamos Deus de lado, depois de O termos servido talvez muito fielmente ao longo do ano. O desejo de santidade não mete férias mas, curiosamente, quanto mais tempo disponível temos nas férias, parece que mais se descuida a nossa vida interior e a amizade com Jesus.

Lamentava o Pe. Caffarel: *"Em férias [infelizmente] dão-se férias ao amor, toma-se como regra de vida: que é que me agrada? Jogos, sono, passeios, leitura, [festas, praia, noite] tudo é comandado por essa lei soberana. Entendei-me bem: não é repousar, descontraírem-se, fazer desporto que eu acho repreensível, é o móbil: "porque*

*me agrada". Daí a perpétua atenção a si próprio, e, logo, a **desatenção aos outros**."*

Em férias ou ao fim-de-semana, tantas vezes somos auto-centrados e esquecemo-nos de que a santidade passa também pela maneira como descansamos e como vivemos os tempos livre. E, tantas vezes, voltamos de férias ou do fim-de-semana mais cansados, porque quisemos fazer tudo, tudo, menos aquilo que Deus quer de nós. Tantas vezes hoje gastamos tão mal o tempo em futilidades... O convite a **descansar bem**, não só nas férias mas também ao Domingo, passa por reconhecer sempre a Deus o Seu lugar primeiro. Só podemos descansar quando estamos com Deus. Como rezamos nos salmos, "*só em Deus descansa a minha alma*" (sal 62), e esse descanso em Deus deixa-nos em paz "*como criança ao colo da mãe*" (sal 131). Estando com Deus, santifica-se também o descanso e tempo de lazer e de festa.

Em suma, a santificação do quotidiano passa pelo **reconhecimento de que o tempo que dispomos não nos pertence**, mas que nos foi dado por Deus e, por isso, todo o nosso tempo merece ser vivido com Ele. Santificar o quotidiano passa por reconhecer que "*tudo é graça*", isto é, que em todos os momentos e circunstâncias se revela uma oportunidade de crescer na santidade, deixando Deus santificar-nos, porque "*sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus*" (Rom 8,28).

PONTOS DE DISCUSSÃO

- Como estou a amar a minha **família**? O que me custa mais a aceitar em casa? Onde encontro Jesus em casa?
- O que significa para cada um de nós o dever de **competência**, no estudo ou no trabalho? Quem olha para mim reconhece alguma **diferença** pela maneira como trabalho ou estudo? Qual a minha motivação para estudar: apenas a boa nota ou algo mais?
- Como vivi estas férias? Que critérios de escolha segui para este Verão? Onde descobri Deus? Em que **desperdicei** tempo?

PONTOS DE ORAÇÃO

- **Lc 2,51-52**: a referência a Jesus antes da vida pública é breve, mas o Evangelho apresenta Jesus **submisso** à Sua família em Nazaré. Como imaginamos Jesus em casa, na relação com Nossa Senhora e S. José? (compor o lugar, à maneira de S. Inácio de Loyola)
- **Lc 4,22**: "*Não é este o filho do carpinteiro?*". Muitos reconheciam Jesus pela profissão de José, que lhe ensinara este ofício. Como imaginamos Jesus a **trabalhar**? (compor o lugar, à maneira de S. Inácio de Loyola)
- **Mc 6, 30-31**: "*Vinde sozinhos para um lugar deserto, e descansai um pouco*". Jesus convida a descansar com Ele, simplesmente estar em silêncio com Ele. Num mundo com tanta correria e tantas solicitações (telemóvel, whatsapp,

redes sociais, etc), Jesus convida a **parar e descansar**, sem outras distrações.

#### PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

- A atenção à família é também aos avós. O Papa Francisco perguntava durante as Jornadas Mundiais da Juventude em Cracóvia: *Quando foi a última vez que visitaste e cuidaste dos teus avós?* – o ponto de esforço pode ser visitar os próprios avós ou os avós de outros;
- Assumindo o estudo como um dos lugares da nossa santificação, o ponto de esforço poderá ser estabelecer um plano de vida com um **horário de estudo diário** (pode ser acertado com um padre director espiritual ou assumido em equipa que todos vamos estudar 1h por dia), **oferecendo** a Deus esse tempo de estudo por alguma intenção (por exemplo, pelas melhoras de alguém, ou em agradecimento por tal);

#### PARA APROFUNDAR

- Uma sugestão é ler uma parte do capítulo IV da exortação do Papa Francisco *A Alegria do Amor*, pontos 90-119, a propósito do amor familiar.
- Outra sugestão é ler a homilia de S. Josemaria Escrivá: *Amar o mundo apaixonadamente*, a propósito da santificação pelo trabalho.
- Outra sugestão é ler o livro do Pe. Vasco Pinto Magalhães sj, *Só avança quem descansa*, a propósito da gestão do tempo e das férias.

#### ORAÇÃO FINAL

Propomos a oração do escuta, que se atribui a S. Inácio de Loyola.

Senhor Jesus  
Ensinai-me a ser generoso,  
A servir-Vos como Vós o mereceis,  
A dar-me sem medida,  
A combater sem cuidar das feridas,  
A trabalhar sem procurar descanso,  
A gastar-me sem esperar outra recompensa, Senão saber que faço a Vossa vontade  
santa,  
Ámen.





OUTUBRO  
A VocaçãO

# A VOCAÇÃO

*“Meus irmãos, ponde o maior empenho no fortalecimento da vossa vocação e eleição. Se assim procederdes, jamais haveis de fracassar e se vos há-de abrir de par em par a entrada para o reino eterno de Nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo”*

(2 Pe 1, 10-11)

*“Na verdade, um verdadeiro casal cristão é uma coisa muito bonita, é uma grande obra de Deus, o esplendor do Sacramento do Matrimónio, um reflexo da imensa ternura que une Cristo e a Igreja.”*

(Carta mensal do Padre Caffarel, Abril 1959)

## O que não é a Vocação

**Em primeiro lugar, a vocação não é um sentimento e não se pode reduzir a um sentimento.** Não nos devemos esquecer que amor não é um sentimento, mas uma decisão, um acto da vontade. Ouvimos dizer tantas vezes: *mas eu não sinto nada!* Há imensas coisas e situações em que eu não sinto ao nível do sensível, mas daí não posso concluir nada. Por exemplo, quantas vezes eu não sinto nada pelo meu trabalho ou por aquela cadeira que estou a fazer - e, ainda assim, sei o que devo fazer!

**A vocação também não é uma profissão.** A profissão pode coincidir (com a vocação), bem como o sentimento, mas não se confundem com o chamamento vocacional. A tendência ou “jeito” para exercer uma determinada profissão pode ser “sentido” como um apelo. Mas a Vocação, como orientação de toda a vida, é diferente da aptidão natural ou tendência, embora a possa incluir. É bem diferente um processo para encontrar uma opção para toda a vida e um, muitas vezes mal chamado, **discernimento** das carreiras profissionais. A vocação pode incluir múltiplas profissões e variadas aptidões.

**Também não é só para alguns.** Só para pessoas especiais e sobredotadas. É para todos e a todos diz respeito. Assim, ninguém pode dizer que não tem vocação, pois seria o mesmo que dizer: não sou gente, não vivo... Todo e cada homem possui uma orientação, uma dinâmica própria a assumir, ainda que de diversos modos. É necessário deixarmos para trás a ideia de que a vocação é uma espécie de toque mágico que alguns tiveram a sorte de ter.

**A vocação não é predestinação.** Só pensando no homem sem liberdade e pensando num Deus prepotente é que nos poderíamos inclinar para uma visão onde tudo já está determinado, onde tudo já está “escrito”. Assim, não teríamos capacidade de escolha, tudo já estaria escolhido. Seríamos umas marionetas.

## Qual o significado da palavra “Vocação”?

A palavra vocação está relacionada com a palavra “voz”, e que vem do verbo latino “vocare”, isto é, chamar. Assim, vocação significa chamamento, apelo. Para começar, a palavra indica-nos alguém que nos chama, que nos convoca, que nos

interpela, que nos provoca. E esta interpelação, este chamamento exige da nossa parte uma resposta, um caminho.

### **Se somos chamados, somos chamados a quê e para quê?**

A verdade é que todos nós somos chamados, em primeiro lugar, à vida, **a viver**. Estamos continuamente a receber o desafio de viver. Quem se quisesse abster dessa vocação fundamental demitia-se de ser ele próprio, de ser gente. Era quase como dizer: estou a viver, mas não tenho vocação para viver. Este apelo à vida tem uma dupla dimensão: não só para uma vida biológica, mas para ser pessoa, isto é, para uma maneira própria de ser.

Somos chamados a ser pessoa. Todos dos dias, com situações que nos interpelam e nos desafiam, temos de fazer **escolhas**. São Paulo diz o seguinte: “*somos chamados à liberdade*” (Gal 5,13). Devemos ser coerentes com aquilo que somos e com aquilo em que acreditamos. Por isso, somos também todos chamados ao **crescimento**, à **perfeição**. Somos chamados a viver uma vida que não nasce feita, pronta. Temos de crescer, trabalhar e levar a nossa vida ao seu fim: à perfeição... À santidade. Santidade deve ser entendida como o levar até às últimas consequências a dinâmica própria daquilo que se é. Mas o homem só é Homem com os demais. Daí que **somos chamados à comunhão** e ao serviço. Quem vive fechado em si mesmo, sem desenvolver os seus talentos de humanidade e pô-los ao serviço dos outros, é infiel à sua vocação.

Neste percurso, e agora numa dimensão transcendente, somos chamados à dimensão religiosa da vida: **ser Homem de Fé**. Quando se passa para o nível da experiência religiosa é porque se reconhece que a realização que passa pela integração na comunidade e o encontrar do sentido que passa pela missão positiva, no fundo, implicam uma relação **transcendente** do ser Homem. Aqui estamos perante um apelo que vem de Cristo e que desafia a integrar e dinamizar a nossa vida, vivendo-a ao modo como Cristo viveu. A identidade é o modo pessoal e concreto de todos os chamamentos. Assim, cada um é chamado à Vida, e traduzindo para cristão, a ser Filho de Deus, a ter uma relação com o Pai nos outros.

**E quem não é cristão?** Ou para quem se diz ateu? Ninguém deixa de ter vocação. Ninguém pode deixar de ser interpelado, chamado à vida, a ser pessoa, a encontrar um ideal que dê sentido à sua vida. É até a própria vida que o interpela a viver e a fazer pela vida. Cada pessoa, a seu modo, é **chamada**.

### **Vocações específicas na Igreja**

Cada cristão é chamado a diferentes caminhos e a diferentes respostas ao Espírito Santo, na Igreja. Não devemos pensar que ter vocação é só ser chamado para ser Padre, Freira ou Frade. Há mais hipóteses. Logo, é preciso fazer o discernimento necessário.

Temos o chamamento ao **sacramento do matrimónio**. O que caracteriza esta vocação? O facto de duas pessoas se sentirem chamadas, em conjunto, a viver uma dupla missão em Cristo, pela qual optam por viver de tal maneira que sejam visíveis a

presença e o amor de Deus. Este caminho começa com o **namoro**. Onde se começa a perceber que é contigo que quero estabelecer a minha morada permanente.

Chamamento ao **Sacerdócio**, através do sacramento da Ordem. Este sacramento revela outra dimensão de Cristo. Confere a quem o recebe a graça de poder exercer os ministérios da Igreja. Trata-se de uma vocação de serviço: a de um homem que se dispõe a ter como ideal o serviço da fé e da administração da graça, identificando-se com Cristo-Sacerdote.

Chamamento à **vida consagrada**, que é, sobretudo, testemunho de radicalidade e o ser sinal escatológico do Reino. Mostrar que o Reino de Deus não é deste mundo, mas posso vivê-lo desde já, deixando o que é relativo e passageiro. E isso manifesta-se pelos votos (obediência, pobreza e castidade) que são uma forma de entregar toda a vida a Deus.

Chamamento à **vida laical**, cuja missão é fazer com que o Espírito Santo chegue, de alguma maneira, a todo o lado. Aqui, surgem também os **leigos consagrados**.

Cada vocação corresponde a um carisma, um dom de Deus e dentro de cada vocação há modos pessoais de a viver. Cada homem, escutando o Espírito Santo no seu interior, terá de discernir o seu caminho cristão.

## **E como é que sei qual é a minha vocação?**

Em primeiro lugar, a pessoa deve colocar-se numa atitude de **disponibilidade**, de **abertura interior** para aderir ao projeto de Deus, sabendo que está sempre, ainda que inconscientemente, a defender-se e a pôr, obstáculos àquilo que lhe é proposto. Temos de admitir que Deus nos chama e que se não nos dispusermos a escutar, nada acontece.

Nesta atitude, há, pelo menos, três formas de perceber o chamamento de Deus. O primeiro, é quando Deus se manifesta **diretamente**, como que irrompendo na vida da pessoa. Numa determinada situação de vida, no trabalho ou na oração, vive-se algo que não se pode duvidar. Junto a isso vem uma alegria e uma serenidade profundas. Um outro modo de eleição é **um mais racional**, onde é necessário estabelecer os “prós e contras” para cada hipótese a encarar. E depois rezar o resultado desse balanço. Não é importante saber onde há mais quantidade de razões, mas para que lado pesa mais a qualidade da entrega, isto é, onde há maior identificação com o Evangelho. Todavia, o modo mais seguro e mais normal para chegar a uma eleição de um estado de vida é entrar num **discernimento por consolações e desolações**. Assim, a pessoa deve, perante duas opções, entender bem o que significa essa opção para si, o que ela exige e onde conduz. Depois, deve tomar a decisão como se fosse para si essa opção, como se já tivesse visto que era por aí e assim andar algum tempo. No final, avaliar a qualidade das consolações e desolações através das quais Deus fala. Passado algum tempo de andar assim com uma das opções, deve recomençar o processo, mas agora “*pondo-se na outra pele*”, interiorizando a outra hipótese. Só no fim deve comparar, não as hipóteses, mas as consolações que sentiu.

### **PONTOS DE DISCUSSÃO**

- **Tenho consciência de que Deus me chama a algo?** Que tem para mim uma

missão?

- A vocação é um dom de Deus e não é só para alguns, mas para todos. **Qual a minha vocação?**
- Para ajudar no discernimento da minha vocação é essencial um acompanhamento: um diretor espiritual. **Costumo ter direção espiritual com algum Padre?** Não me esqueço de que deixar-me acompanhar é também uma virtude. É na reflexão e na partilha dessa mesma reflexão que avançamos.
- Vejo o namoro como uma vocação? **Como vivo o meu namoro?** Sabemos reservar para nós momentos de intimidade a dois: refeições, saídas? Temos necessidade disso para o crescimento do nosso amor?
- O caminho de santidade para as pessoas casadas e para os namorados, é o seu amor transformado pela graça de Cristo. **Estou consciente de que Cristo Se compromete comigo quando me comprometo com o outro**, que Ele caminha comigo na nossa caminhada? **Que consequências práticas isso me traz?** Que sentido dá isso à minha oração? Procuro comunicar a outros jovens esta “boa notícia”?

#### PONTOS DE ORAÇÃO

(Ler os textos seguintes e partilhar uma frase/uma ideia e comentá-la)

- *“Sois homens iguais a mim. Eu que me atrevi e não me lamento. Porque não haveis vós de vos atrever também? Quando comecei, não estavam os tempos mais claros que agora. E Deus concedeu-me a graça, realmente ditosa, do Sacerdócio. Por isso, também vós podeis arriscar, inclusive nesta época. Eu era débil, pecador e continuo a sê-lo. Levo, no Sacerdócio, o peso da minha herança, do meu pecado, dos meus talentos ou falta deles, a debilidade que há no meu ser, no meu carácter e tenho podido comprovar que a graça de Deus é mais forte e poderosa que a nossa debilidade. **Porquê não haveis vós de arriscar?** Tenho notado cada vez mais, que o cargo e o peso são grandes. Mas Deus tem sido bom e fiel. Então, porque razão não haveis vós de vos atrever? **Fostes chamados ao que de mais grandioso se pode dar: testemunhar a verdade de Deus nas trevas deste mundo, anunciar o Reino de Deus no meio da confusão desta época, distribuir a graça de Deus a um povo não santo, representar a Igreja de Deus no meio deste mundo, para que realmente seja o sinal de que veio a graça de Deus e se concluiu a aliança eterna entre Deus e os Homens, a que se apoia na fidelidade inquebrantável de Deus e não na capacidade do homem. **Haveis de ir aos homens e dizer-lhes que não são homens daquela época, mas da eternidade. Haveis de bendizer, haveis de perdoar, haveis de ter o valor em dizer uma e outra vez a Palavra de Deus, oportuna e inoportunamente.**”** (Karl Rahner, aquando da comemoração dos 25 anos de Sacerdote)*
- *“Queridos jovens, **não tenhais medo de enfrentar estes desafios!** Nunca percais a esperança. Tende coragem, também nas dificuldades, permane-*

*cendo firmes na fé. Tende a certeza de que, em todas as circunstâncias, sois amados e protegidos pelo amor de Deus, que é a nossa força. Deus é bom. Por isso é importante que o encontro com Ele, sobretudo na oração pessoal e comunitária, seja constante, fiel, precisamente como o caminho do vosso amor: amar a Deus e sentir que Ele me ama. Nada nos pode separar do amor de Deus! **Como namorados estais a viver uma fase única**, que abre para a maravilha do encontro e faz descobrir a beleza de existir e de ser preciosos para alguém, de poder dizer um ao outro: tu és importante para mim. Vivei com intensidade, gradualidade e verdade este caminho. **Não renuncieis a perseguir um ideal alto de amor, reflexo e testemunho do amor de Deus!** Mas como viver esta fase da vossa vida, como testemunhar o amor na comunidade? Gostaria de vos dizer antes de tudo que **eviteis fechar-vos em relações intimistas, falsamente animadoras**; fazei antes com que a vossa relação se torne fermento de uma presença ativa e responsável na comunidade. Depois, **não vos esqueçais de que para ser autêntico, também o amor exige um caminho de amadurecimento**: a partir da atração inicial e do «sentir-se bem» com o outro, educai-vos a «amar» o outro, a «querer o bem» do outro”. (Papa Bento XVI aos namorados)*

#### PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

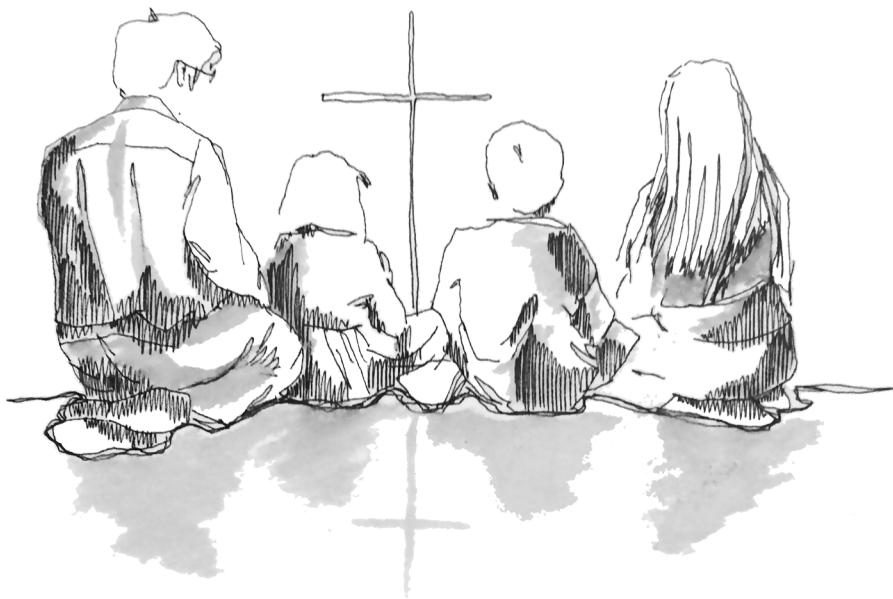
- Participar, em equipa, numa Eucaristia no Seminário da Diocese e conhecer os jovens que se estão a preparar para o Sacerdócio.
- Ter direção espiritual com o Pároco da paróquia ou com o conselheiro espiritual da equipa.
- Pensar a sério na minha vocação: “porque não haveis vós de arriscar?”
- Conversar seriamente com o meu namorado - é importante que, juntos, procuremos um ideal alto de amor, um caminho de santidade.

#### PARA APROFUNDAR

- Gn 12, 1-4 – Vocação de Abraão
- Ex 3, 1-15 – Vocação de Moisés
- Est 4, 12-16 – Vocação de Ester
- Jer 1, 4-9 – Vocação de Jeremias
- Lc 9, 57-62 – As condições para seguir Jesus
- Vasco Pinto de Magalhães S.J., Vocação e Vocações pessoais, A.O.

#### ORAÇÃO FINAL

Tu me pertences  
Tu estás sob a proteção das Minhas mãos.  
Tu estás sob a proteção do Meu coração.  
Tu estás protegido sob as minhas mãos,  
E deste modo te encontras na imensidão do Meu amor.  
Estás no espaço das minhas mãos: dá-me as tuas.  
Não tenhas medo! Estou contigo.  
Não te deixo, e tu não Me deixes. Amén.



NOVEMBRO

FAMÍLIA, IGREJA DOMÉSTICA

# FAMÍLIA, IGREJA DOMÉSTICA

*“O lar cristão é o lugar em que os filhos recebem o primeiro anúncio de fé. Por isso, o lar é chamado, com toda a razão, de “igreja doméstica”, comunidade de graça e de oração, escola das virtudes humanas e da caridade cristã.”*

(Catecismo da Igreja Católica, §1666)

*“Fazei da vossa casa uma igreja”*

(S. João Crisóstomo)

## Família: Igreja doméstica

Todos nascemos numa família e todos somos influenciados pela vivência em família. Cada família é única, porque formada por indivíduos “únicos e irrepetíveis”. A família é chamada a viver numa unidade onde as singularidades de cada um sejam reconhecidas e respeitadas. Não há famílias ideais nem um único modelo de família. Há uma diversidade de situações familiares, mas Deus, amando cada ser nas suas diferenças, tem sempre lugar para cada um no Seu projecto criador.

É na família que se aprende a **convivência humana**, que se cria uma teia de relações que ajudam cada membro a desenvolver as suas potencialidades pessoais e sociais. Nela se vivem grandes alegrias, mas também profundos sofrimentos. Tecem-se laços, cumplicidades, mas também se experimentam rupturas e abandonos. Na família, é-se cuidado e aprende-se a cuidar. Em família, ouvimos e somos ouvidos. Descobrimos diferenças, que por vezes magoam e são difíceis de ultrapassar. Surgem conflitos e rivalidades, mas é igualmente terreno propício ao perdão e ao recomeço. *“A família tem, portanto, um papel único e insubstituível na vida e na realização de cada homem.”* (Carta Pastoral da Conferência Episcopal, 2004)

O psicanalista Donald Meltzer refere que a **função** da família é: gerar o amor, promover a esperança, conter o sofrimento e ensinar a pensar.

O Concílio Vaticano II chama à família, segundo uma antiga expressão, *“Ecclesia domestica - Igreja doméstica”* (Lumen Gentium, 11). No catecismo da Igreja Católica (n. 1656) está escrito que *“É no seio da família que os pais são, pela palavra e pelo exemplo, os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada.”*

Chamar à família “igreja doméstica” não é apenas uma ideia ou designação feliz, mas indica-nos como a família é chamada a ser um lugar primordial de **encontro** com Cristo, *“espaço privilegiado de encontro com o amor, o primeiro lugar onde os filhos aprendem e interiorizam os valores perenes”*. É no espaço da família que se manifesta o **acolhimento incondicional**, devendo também ela ser espaço de oração e de apostolado.

A família é não só a **célula básica da sociedade**, mas também a célula básica da Igreja. Assim, a família tem um papel de formadora de cidadãos, de educadora na



fé e de promotora do desenvolvimento integral da pessoa. “A família constitui o lugar natural e o instrumento mais eficaz de humanização e de personalização da sociedade: ela colabora de maneira original e profunda na construção do mundo.” (Familiaris Consortio, 43)

### **Família: espaço de comunhão**

A família, como comunidade de pessoas, é um lugar privilegiado para se viver o amor na oração, no diálogo, na partilha de dons e na participação da vida comum, onde se cultivam os valores humanos e cristãos.

Na comunhão da família, pais e filhos, irmãos entre si e outros familiares estabelecem-se laços **profundos**, vivendo um **esforço** diário de exigir a cada um o exercício da compreensão, da tolerância e da solidariedade. Estas relações familiares aprofundam esses valores que são fundamentais para a realização e crescimento de cada pessoa e que servirão para a sua plena integração na sociedade.

No ambiente familiar há espaço para cada um aprender o que há de positivo no outro e para acolher cada membro, na sua **individualidade**, valorizando os dons que Deus deu a cada um. Aí se “*aprende a tenacidade e a alegria no trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado, e sobretudo o culto divino, pela oração e pelo oferecimento da própria vida*” (Catecismo da Igreja Católica, 1657).

### **Família: espaço de oração**

Escrevia o Pe. Henri Caffarel na Carta Mensal de Março de 1962 que “A oração familiar é muito diferente de um hábito enternecedor: é realmente a actividade primeira, capital, fundamental da família cristã. É ela que distingue a família cristã de uma família não cristã. Por conseguinte, a oração familiar não será só a oração do pai ou da mãe, nem sequer a oração dos dois, nem só a oração dos filhos, mas a oração de todos, unânimes, em que ninguém é simplesmente espectador, em que cada um participa activamente.”

A família deverá ser, então, um lugar de comunhão e oração, de **transmissão** e **reflexão** da Palavra de Deus. Rezar em família cria sentido de unidade em torno da fé, desenvolve o sentido de pertença e confiança e cultiva a disponibilidade interior.

Assim, para que a família possa desenvolver a sua espiritualidade é preciso encontrar **tempos de encontro e de partilha**. A vida de cada um não pode contemplar apenas trabalho, compromissos e tarefas de rotina. Tem que se criar lugar e dar espaço à vida espiritual familiar, seja ela na oração em comum, seja na participação em família na Eucaristia. Entre muitos outros exemplos, destacam-se os pequenos momentos de acção de graças à refeição, a recitação do terço em família, a escuta e partilha da palavra de Deus, a caminhada familiar de preparação para o Advento e para a Quaresma.

“Quando a oração é morna, sem vida, não será por causa de um conhecimento deficiente? Conhecemos o Cristo dos Evangelhos, os seus factos e os seus gestos, os seus ensinamentos e as suas confidências; mas conhecê-lo-emos tal qual é hoje?”

*Quando meditamos, porventura não nos contentamos com a lembrança daquilo que Ele pensou, disse e viveu outrora? Não será com o Cristo de há vinte séculos que entrámos em relação, em vez de ser com o de hoje? Procuremos verdadeiramente conhecer o que ele é hoje mesmo: os seus desejos, os seus sentimentos a nosso respeito, os seus pensamentos sobre a Igreja e o mundo, numa palavra, as actualidades do seu coração! Evidentemente que isso pressupõe que saibamos como Ele anseia por nos associar à sua vida interior actual, como Ele está desejoso de partilhar o que constitui a nossa alegria e a nossa dor de hoje, os nossos amores e as nossas lutas.” (Padre Henri Caffarel, Nas Encruzilhadas do Amor)*

### **Família: Amor que se torna fecundo**

A família é, na sua raiz, uma comunhão de um homem e de uma mulher que se amam e na fecundidade do seu amor se abrem à geração da vida. Dessa forma, marido e mulher aceitam a missão de ser **instrumentos** da criação de Deus, que se renova continuamente na História. *“Com o testemunho e também com a palavra, as famílias falam de Jesus aos outros, transmitem a fé, despertam o desejo de Deus e mostram a beleza do Evangelho e do estilo de vida que nos propõe. Assim os esposos cristãos pintam o cinzento do espaço público, colorindo-o de fraternidade, sensibilidade social, defesa das pessoas frágeis, fé luminosa, esperança activa. A sua fecundidade alarga-se, traduzindo-se em mil e uma maneiras de tornar o amor de Deus presente na sociedade.” (Papa Francisco, A Alegria do Amor - 184)*

A igreja doméstica **não pode ficar fechada em si mesma**. Jesus impele sempre para **mais**. Desinstala-nos. Convoca-nos. Convida-nos à hospitalidade, a abrir as portas do coração e da casa. Precisamos dos outros e os outros precisam de nós. Descobrir que pertencemos à grande família dos filhos de Deus. Ser Igreja Universal.

É neste ambiente de família cristã, que os Casais Assistentes das Equipas de Jovens de Nossa Senhora, conscientes do seu compromisso de viver numa relação com Deus, e implicados em dar **testemunho** e ajudar na construção da sociedade e da Igreja, como sinal da sua fecundidade, acolhem nas suas casas os jovens equipistas. É o seu sim, à semelhança e por inspiração de Maria, ao desafio de abraçarem a “missão apostólica” - enquadrar os jovens que lhes são confiados na sua caminhada pessoal e em Igreja. *“Não estando o casal isolado na cidade e na Igreja, esta espiritualidade conjugal e familiar é também espiritualidade do empenhamento do casal nas tarefas humanas e nas tarefas da igreja.” (Padre Henri Caffarel, Espiritualidade do cristão casado - L'Anneau d'Or, nº. 84, 1958).*

É esta a beleza e particularidade das Equipas de Jovens, onde é possível fazer um **crescimento na fé** e de **amadurecimento pessoal**, acompanhados pelo Casal no seu contexto familiar. Por isso valorizamos o acolhimento que o Casal nos faz no seio da sua família, o simbolismo de um jantar compartilhado à volta da mesa familiar e os momentos de partilha que nos aproximam e nos tornam cúmplices.

### **PONTOS DE DISCUSSÃO**

- A família é a célula básica da sociedade e da Igreja. E na minha vida, que

### **prioridade** dou à minha família?

- Compreendo que a minha família não é, nem tem que ser a projeção daquilo que eu **gostava que ela fosse**? Tenho a capacidade de relativizar os defeitos dos outros e valorizar as suas qualidades?
- Que contributo dou para a “qualidade” de vida e das relações em minha casa? Procuo ser o centro, o protagonista ou tento ter uma atitude de **serviço gratuito**, sem esperar recompensas ou elogios?
- Tenho a capacidade de dar valor às **pequenas** coisas que são feitas, na minha família, para mim - cedências, favores, presentes, surpresas? Consigo surpreender-me com o valor da **simples existência** de cada membro da minha família, tal como é?
- Procuo ser o **motor da vida de oração** da minha família?
- Tenho a capacidade de pôr a render os talentos que Deus me deu e que a minha família ajuda a potenciar, ao serviço da sociedade e da Igreja? Tenho consciência de que a família não pode ser **algo fechado** que vive em torno de si mesma, mas que deve ser o ponto de partida de uma vida em missão?

### PONTOS DE ORAÇÃO

- *“Uma família vive em paz se todos os seus membros se sujeitam a uma norma comum: é esta que impede o **individualismo** egoísta e que mantém unidos os indivíduos, favorecendo a sua **coexistência** harmoniosa e o seu **empenhamento** no fim comum.”* (Papa Bento XVI, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 8 de Dezembro de 2007).

Rezo este texto. O que é que me diz sobre a maneira como devo viver em família? Reflito particularmente sobre as palavras a **bold**... O que me ensinam?

- *“Quando deres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos; não vão eles também convidar-te, por sua vez, e assim retribuir-te. Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz...”* (Lc 14, 12-14).

Com a ajuda desta passagem, medito. No Catecismo da Igreja Católica – 1658, afirma-se: *“a Igreja é casa e família para todos, especialmente para quantos estão cansados e oprimidos”*. Como é que, sendo nós Igreja, temos conseguido ser casa e família para todos aqueles que precisam de um olhar misericordioso e de uma palavra de esperança?

- Rezo as minhas relações familiares, procurando nelas a forma como se manifesta o amor de Deus. Rezo, particularmente, uma que seja complicada. Porque é complicada? Não sou misericordioso com essa pessoa? Que obstáculos encontro a que a misericórdia aja na nossa relação? Sou arrogante

com essa pessoa? Tenho atitudes que não me permitem amá-la? O que falha na nossa comunicação? Imagino-me a ter uma conversa com essa pessoa, em que sou totalmente honesto e partilho o que rezei sobre nós. Com frontalidade e amor, explico-lhe as razões que encontro em cada um de nós para que esta relação seja complicada. Proponho-me a mudar a minha atitude. Escrevo para não me esquecer.

#### PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

- Dinamizar a proposta de Advento para a minha família (pode ser a da Partilha).
- Escolher alguém da minha família, mesmo da mais alargada, de quem esteja mais **distante** e com quem preciso de reforçar a relação.
- Ajudar, o meu casal de equipa. Às vezes esqueço-me de que este casal, de quem tanto gosto, tem uma vida durante todo o mês, com trabalho, escola, actividades extracurriculares e avós... Como podemos, em equipa, agradecer minimamente o que nos foi dado?

#### PARA APROFUNDAR

- Catecismo da Igreja Católica, 1655-1658 – sobre Família igreja doméstica e 2204 – 2207 sobre Família cristã
- Youcat, 368
- *Espiritualidade Conjugal*, Padre Henri Caffarel
- Papa Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal - *Amoris Laetitia* (A Alegria do Amor), 86-198

#### ORAÇÃO FINAL

##### Oração da Família

Senhor, fazei da nossa família  
Um instrumento da vossa paz  
Que dentro da nossa casa  
Ninguém cultive o ódio, mas sempre o amor,  
Não se viva a discórdia, mas apenas a união.  
E quando houve uma ofensa, logo saibamos pensar no perdão.  
Que a nossa família irradie luz, onde há trevas,  
A alegria onde haja tristeza,  
A esperança onde haja desânimo,  
E a fé onde haja dúvidas.  
Que em nossa casa se disfrute a alegria  
De amar e ser amado,  
Consolar e ser consolado,  
Compreender e ser compreendido,  
E que esta felicidade seja por nós repartida,  
Pois é dando que se recebe,  
E é perdoando que nos reencontramos  
E morrendo viveremos para sempre  
Ámen



DEZEMBRO  
A MISSÃO

# A MISSÃO

## A responsabilidade do cristão

A nossa vocação de cristãos, que já trabalhamos em Setembro, tal como a cruz, tem sempre uma **dupla dimensão**: a nossa relação com Deus enquanto Seus filhos e a nossa relação com os outros enquanto nossos irmãos. A Missão de cada um no mundo corresponde a esta relação com os outros, e dá **sentido** à nossa vida em sociedade. Este mês, refletimos sobre o tema da Missão.

A Missão de cada cristão pode traduzir-se, em geral, como sentir a responsabilidade por toda a Humanidade. Sobretudo sentir a responsabilidade por todas as pessoas (pela salvação das suas almas), começando, naturalmente, pelas que nos são mais próximas – pais e irmãos, a família, os amigos, aqueles com quem estudo ou trabalho, os que conheço dos locais que frequento e das atividades em que participo. Mas esta missão estende-se, também, àqueles com que me cruzo no dia-a-dia e que me são indiferentes, ou a quem normalmente evito falar, porque “me aborrecem”, porque “não tenho tempo”, porque “não tenho nada lhes dizer”, porque “não partilham dos mesmos interesses que eu”, ... A missão do cristão é sentir-se responsável por **todos** à nossa volta, **sem exceção**!

E que responsabilidade devemos sentir? Para entender esta responsabilidade temos de começar por olhar os outros com um olhar **amoroso** de amigo, de irmão - desejando o seu bem - e um olhar **completo**, integral, abrangente - olhando as suas necessidades.

A nossa Missão, fundamentada no amor, deve por isso despertar em nós uma **ânsia** de apostolado e de serviço: queremos que todos conheçam a Deus, que o reconheçam como Pai e se alegrem com esta Boa Nova e queremos também que, como irmãos nossos que são, possam viver em condições dignas, seja material, seja humana, seja espiritualmente.

## Apostolado

Na sua missão terrena, Jesus percorreu as estradas da Terra Santa e chamou doze pessoas simples, para que permanecessem com Ele, compartilhassem o seu caminho e continuassem a Sua missão. Nisto consiste o ser apóstolo: **continuar a missão** de Jesus. Para isso Jesus nos chama, a cada um de nós.

A Missão de Jesus, que é nossa também, consiste em ir ao encontro dos outros e abrir as portas de Deus para todos. É como se abrissemos para os outros uma porta que conduz ao conhecimento de Deus e à graça da fé. E nós, como Apóstolos, não podemos **ficar à espera** que venham ter connosco, mas temos de sentir a **urgência** de levar Cristo a todos e levar todos até Cristo.

O Padre Caffarel recordava sem cessar este dever apostólico de cada um,

a inquietude que cada um deve ter, olhando à volta para um mundo cada vez mais **descristianizado**, onde Deus não tem lugar. A nossa passividade, a nossa falta de ousadia para falar de Jesus aos outros, pode ter várias causas. Perguntemo-nos quais são: não o faço porque temo o que possam dizer ou pensar? Porque sou tímido? Porque me falta entusiasmo e fé na mensagem de Jesus? Porque podem pensar que ainda sou novo demais para falar sobre este tema? Pelo contrário, se verdadeiramente acredito, a fé proporciona-me **alegria e coragem** para anunciar Deus a todos à minha volta.

*“Não me venham dizer que não há nada a fazer! Se sois verdadeiramente amigos de todos esses lares ameaçados, “pobres” de amor e graça, certamente sabereis inventar o que é preciso fazer e perseverar no vosso esforço. Invenção e perseverança são qualidades missionárias... (quantos missionários penam, pregam, esforçam-se durante anos sem resultado?!)”* (Padre Caffarel, *Carta mensal das Equipas de Nossa Senhora*, Outubro de 1950)

Acrescenta ainda o Padre Caffarel: “É por esta inquietação, captada com muita verdade e energia, que se reconhece o discípulo de Cristo. Perante a miséria do mundo, ele descobre a sua riqueza e inquieta-se: porquê eu, por que não eles?

*Como sois ricos, vós a quem me dirijo! Mesmo se não tendes fortuna material. Ricos da vossa cultura, da vossa educação, das vossas relações, das vossas amizades, dessa família onde há amor. Ricos do bem infinitamente ainda mais precioso da fé, da graça... E, à vossa volta, uma terrível pobreza: corpos famintos, corações famintos, almas famintas. Sois perseguidos por esta pergunta: porquê eu, por que não eles? Sois perseguidos pela vontade de partilhar? Dir-me-eis “Eles não vêm pedir”. De verdade? Credes que é a eles que compete deslocar-se?”* (Padre Caffarel, *Carta mensal das Equipas de Nossa Senhora*, Maio 1948).

Antes pelo contrário, na maioria das vezes, teremos de ser nós a dar o primeiro passo. Cada um de nós tem de **arriscar**, de ousar dar o primeiro passo para ir falar a algum amigo que vemos que anda à procura ou que anda desorientado na vida ou alguém que, simplesmente, precisa de um amigo. Tal como nos diz o Papa Francisco, Jesus “*falou a todos, sem distinção, aos grandes e aos humildes, ao jovem rico e à viúva pobre, aos poderosos e os frágeis; levou a misericórdia e o perdão de Deus; curou, confortou e compreendeu; infundiu esperança; levou a todos a presença do Deus que se interessa por cada homem e mulher, como faz um bom pai e uma boa mãe para com cada um dos seus filhos. Deus não esperou que fôssemos ter com Ele, mas foi Ele que caminhou ao nosso encontro, sem cálculos, sem medidas. Deus é assim: Ele dá sempre o primeiro passo, é Ele que vem ao nosso encontro.*” (Papa Francisco, Audiência Geral, Praça de São Pedro, 27 de Março de 2013)

E depois de dar o primeiro passo, somos desafiados a **perseverar** na amizade verdadeira com cada um, acreditando que somos cooperadores de Deus para que Ele chegue aos nossos amigos e eles O reconheçam. Por vezes é difícil, porque cada um tem o seu **ritmo**. Muitas vezes parece que os outros *não se entusiasma como eu, não vibram como eu, não entendem como eu, não acreditam como eu*. A Missão do Apóstolo é propor, sugerir, dar exemplo, rezar mas **nunca impor**. A relação entre cada um e Deus é **sempre pessoal!**

## Serviço

Também durante a Sua vida terrena, Jesus viveu as **realidades** diárias das pessoas mais comuns: comoveu-se diante da multidão; chorou perante o sofrimento de Marta e Maria; chamou um publicano para ser seu discípulo; sofreu a traição de um amigo. Em todas estas situações, a Sua missão, agora a nossa, consistia em ser a **presença** do amor de Deus.

Por isso, como cristãos, somos chamados a realizar a nossa Missão no mundo em que vivemos, no meio social, familiar e profissional em que estamos inseridos. O próprio Padre Caffarel, foi um verdadeiro missionário no meio do mundo em que viveu: *“Arregaçai, pois, as mangas, juntai-vos a todos os que procuram construir um mundo onde a nova geração possa respirar e viver.”*

Somos assim desafiados a estar **no meio dos outros** e ser solidários com eles. *“Devemos cuidar deles, ser sensíveis às suas carências espirituais e materiais. A vós, jovens, confio de modo particular a tarefa de colocar a solidariedade no centro da cultura humana. Perante antigas e novas formas de pobreza – o desemprego, a emigração, muitas dependências dos mais variados tipos, temos o dever de permanecer vigilantes e conscientes, vencendo a tentação da indiferença. Pensemos também naqueles que não se sentem amados, não olham com esperança o futuro, renunciaram a comprometer-se na vida porque se sentem desanimados, desiludidos, temerosos.”* (Papa Francisco, mensagem para as JMJ, 13 de Abril de 2014). Mais do que pronunciar **bonitas palavras**, devemos aprender a estar com eles, ir ao seu **encontro**, fixá-los olhos nos olhos, ouvi-los; sair de nós mesmos para servir os outros.

E não servi-los porque *temos mais ou somos melhores*. Antes pelo contrário. De certo modo, os que têm alguma necessidade são uma espécie de **mestres** para nós. Ensinam-nos, por exemplo, que uma pessoa não vale por aquilo que possui, pelo montante da mesada ou conta bancária. Vale, simplesmente, por ser pessoa e, em todas as circunstâncias, conserva sempre a sua **dignidade**. Ensinam-nos muito também sobre a humildade e a confiança em Deus. Ensinam-nos ainda a apreciar e dar valor ao que temos e somos e não chorarmos pelo que não temos ou não somos. Ensinam-nos sobretudo que somos felizes e recebemos na medida em que **damos** e quando nos damos, Deus se encarrega de multiplicar os nossos esforços e de nos devolver em abundantes graças.

Como conclusão, a nossa Missão de cristãos no meio do mundo desafia-nos a não nos acomodarmos, **mesmo que já façamos muito**, diariamente, nem nos darmos por vencidos - mas olhar à nossa volta, mostrar a todos que o amor é o **fundamental**, a única coisa que devemos ambicionar, e que tudo o resto são acessórios. Desafia-nos ainda a ser apóstolos, não de forma geral, mas de forma muito concreta, acompanhando e rezando por amigos que têm **nome**. E isto é muito importante – a **oração** faz parte da missão do cristão e é, também, um serviço. Desafia-nos, por último, a acreditar que nada do que fazemos é em vão e que Deus dará a Sua graça a cada um dos que cuidamos de muitas formas diferentes, e a nós também.



## PONTOS DE DISCUSSÃO

- Vivo fechado no meu grupo de amigos, ou na equipa, ou falo e vivo **aberto** àqueles com quem me cruzo, mesmo que diferentes de mim?
- Que **dificuldades** sinto que me inibem de falar de Deus aos outros?
- Que situações de pobreza material, humana ou espiritual encontro à nossa volta e como reajo a elas: com espírito de **serviço** ou **indiferença**?
- Reconheço melhor estas situações quando elas se passam **longe**, do outro lado do mundo, ou quando se passam na família, com um irmão ou irmã, com algum amigo, com alguém próximo de mim?

## PONTOS DE ORAÇÃO

- A Missão de cada cristão tem características específicas, próprias, pessoais, de acordo com os talentos e dons que Deus deu a cada um e que devemos, ao longo da vida, tentar conhecer e corresponder:

O que quer Deus da minha vida, em concreto?

O que me pede Deus hoje?

O que me pede Deus com quem me cruzo agora mesmo?

- Isto mesmo se refere no documento nacional das ejNS, quando diz que o compromisso é, entre outros, *aceitar a importância de pôr os meus dons à disposição dos outros, comprometendo-me pessoalmente num apostolado.*

Preocupo-me por levar Jesus aos outros? De que forma em concreto?

- O serviço faz também parte da Missão e do carisma da ejNS.

Dou, voluntariamente do meu tempo, e de mim mesmo para ajudar outros, na escola, nalguma associação, na família, na paróquia?

## PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

- Convido para uma noite de oração algum amigo que ande **afastado** de Jesus.
- Conto uma parábola do Evangelho a um(a) amigo(a) e conversamos sobre ela.
- Dedico uma tarde ou uma manhã para visitar, **sem pressa**, algum vizinho ou familiar que, nestes dias de Natal, se sente mais sozinho.
- Procuvo, durante os dias de Natal, ajudar nas atividades familiares, atento à necessidades de todos e com **alegria**.
- Combinamos fazer um dia de ação social em equipa.
- Instituímos o “bolo” da equipa: Em cada reunião, cada um deposita nesse mealheiro, seguindo o seu coração e de acordo com as suas possibilidades, a quantia que entende. As somas acumuladas ficam assim disponíveis para ajudar os membros da equipa na participação em encontros das ejNS, em

peregrinações ou para oferecermos como dádiva.

- Rezo por uma pessoa em concreto – a **oração** também é uma missão de todo aquele que acredita em Jesus. No âmbito da missão, posso até escolher alguém de quem não gosto. Rezando diariamente por essa pessoa, certamente o amor por ela crescerá, e começarei a preocupar-te genuinamente com o seu bem-estar. A oração tem um poder infinito!

#### PARA APROFUNDAR

- Youcat - 11, 92, 119, 123, 137-138, 248, 332
- Catecismo da Igreja Católica – n. 76, n.849-856, n.863-865, n.1533
- Textos do Santo Padre Francisco:
  - Exortação Apostólica “*A Alegria do Evangelho*”, 2013
  - Audiência Geral, 27 de março de 2013
  - Meditação Matutina, “*Não se conserva a luz no frigorífico*”, 19 de setembro de 2016
  - Meditação Matutina, “*Vidas pela metade*”, 6 de outubro de 2016
  - Meditação Matutina, “Entre o dizer e o fazer”, 23 de fevereiro de 2016
- Textos do Padre Henri Caffarel:
  - *Cartas Mensais* de Maio 1948, Junho 1950, Abril 1966

#### ORAÇÃO FINAL

(Pode ser lido como Salmo em equipa)

Senhor Jesus, hoje, aqui diante de Ti,  
quero entregar-Te o meu dia.  
Tudo aquilo que trago dentro de mim.  
O que suporto no meu coração,  
o que digo e o que arrisco,  
o que penso e o que amo,  
as Graças que obtenho,  
o que dirijo e conquisto,  
o que me causa sofrimento e alegria:  
o que sou e o que tenho.  
Eis-me aqui Senhor,  
pronto para Te Amar  
e ser testemunha do Teu Amor por cada um de nós.  
Faz com que quem me veja  
Te veja a Ti,  
e que eu seja capaz de olhar cada um, com os Teus olhos.  
Ensina-me a ser fiel à Tua vontade  
e a reconhecer-Te sempre como o Senhor da minha vida.

(Em equipa podemos continuar a oração agradecendo, pedindo, oferecendo ou acrescentando alguma outra frase começando, por exemplo, por dizer: “Quero entregar-te, Senhor,...” ou “Ensina-me, Senhor, a...”)

**NOTAS:**

**NOTAS:**

# AGRADECIMENTOS

Colaboraram para a realização deste caderno:

Temas - o Pe Valter Malaquias, o Pe Duarte Andrade e Sousa, o Pe Bernardo Magalhães, o Pe Hugo Gonçalves, o Pe Fernando Lopes, o Pe Tiago Fonseca, os casais Carmo e Luís Virtuoso, Maria e Diogo Mercês de Mello e Fátima e António Carioca;

Desenhos - Xica Jardim;

Edição - Mariana Megre;

Revisão - Mana Montanha Rebelo e António Brandão de Vasconcelos;

Com a coordenação - Miguel Castelo Branco.

A todos os que ajudaram na construção deste caderno agradecemos profundamente. Acreditamos e desejamos que seja um bom instrumento que nos aproxima de Jesus, da Igreja e da sua Missão.

Agradecemos especialmente a Nosso Senhor, a quem nos entregamos, pois é Ele que nos faz estar nas Equipas, e a Nossa Senhora, Sua Mãe e Padroeira do nosso Movimento, que nos acompanha sempre!

**SECRETARIADO NACIONAL 2015/2017**

“PROCUREMOS JUNTOS”  
PADRE HENRI CAFFAREL